

Karel KOSIK : dialética , trabalho e autogestão

Claudio Nascimento

Na monumental “Historia do Marxismo” (organizada pelo historiador Eric Hosbsbawm), encontramos referencia ao marxista theco , Karel Kosik , no ensaio sobre o ‘marxismo no leste europeu’:

“A Dialética do Concreto” de Karel Kosik, provavelmente o trabalho filosófico mais fecundo que foi produzido na Europa oriental após a guerra”.(J.P.Arnason-p.190).

A obra de Kosik mantém plena vigência no campo filosófico nesta 1ª metade do século XXI. Nesse sentido, o Seminario realizado em Praga , no mês de Junho de 2014, é um exemplo da atualidade do pensamento do filosofo theco.

O Programa temático deste Seminario intitulado “ Karel Kosik e a Dialética do Concreto”, nos mostra a influencia da obra do filosofo theco nos dias atuais:

Manha do dia 4 de Junho:

- Abertura do Seminario por ,J.Pal Arnason= “Kosik’s Marxism: Sources , Significance and Limitations”;

Painel 1 A= “Kosik in Context 1”: The Reform Years”

- Jean Mervart :”K.Kosik as a Public Intellectual of the Reform Yeras”.

Painel 1 B= “Kosik and Marx”.

- Mehmet Tabak:”Dialectic of Unfolding in Hegel ,Marx and Kosik”.

Tarde do dia 4 Junho:

Abertura= Michael Lowy: "Spirit of Resistance. Brief Notes for an intellectual biography of K. Kosik".

Panel 2 A= "Cognition and Ideology"

Panel 2B= "Kosik and Heideggerian Marxism".

Dia 5 de Junho=

Abertura= Anselm Min: "Surviving Postmodernism and Globalization: Kosik's Dialectics of the Concrete Thirty Years Later".

Panel 3 A= "Kosik in Italy".

- Laura Boella: "Karel Kosik: intertwining Philosophy and Life".

Panel 3B= "Dialectics and Epistemology".

Panel 4 A= "Kosik in the Americas".

- Diana Fuentes: "Kosik in Mexico: A.S. Vasquez and the Dialectics of the Concrete".

- Newton Duarte: "Dialectics of the Concrete and Historical-Critical Pedagogy in Brazil".

Panel 4 B= "Dialectics and Ontology I".

- Attila Guney: "Kosik and Gramsci".

Tarde do dia 5 de Junho:

Abertura= Bertell Ollman: "The Relation of Kosik's Dialectical Philosophy to Marx's Dialectical Method: Where to Begin and Why Does that Matter? "

Panel 5 A= "Kosik and Western Marxism"

- Tom Rockmore: "Kosik, Lukacs and the Thing in Itself".

Panel 5 B= "Dialectics and Ontology II"

- Junya Yuan: "Kosik on Dialectics".

- Xinruo Zhang and X. Huang: "Ontological Dialectic and a Critique of Modernity: Based on the Interpretation of Kosik's 'Concrete Totality'".

Painel 6 A= “Kosik in Context: East-Central Europe from Reform to Revolution”

-A.Tucker:”From Kosik to Havel:Debating the meaning of 1968”

- Sthepan-I. Teichgraber:”How Kosik’s Thinking Changed the Meaning of 1989”

Painel 6 B= “Structure and Concrete Totality”

H. Jifeng:”Concrete Totality and Structuralist Totality.The Comparison of Kosik and Althusser’s explanation on the Marx’s Theory of History”.

Dia 6 de Junho:

Painel 7 A= “The Concept f History”

Painel 7 B= “Praxis I “

Anita Lunic:” Gramsci’s and Kosik’ Notions of the Phiposophy of Praxis revisited”.

Painel 8 A= “On The Political”

- Lubomir Dunaj:”Kosik’s Concepto f Concreteness, the Everyday, and the Intercultural Dialogue”.

Painel 8 B= “Praxis II “.

- A.Farina:”Praxis and Labour in Kosik’s Dialectics of the Concrete”.

M.Hauser:”Kosik and post-Marxism”.

Como podemos ver , a obra de Kosik nos fornece elementos para analises de momentos tão fundamentais como 1968 e 1989; para abordar temas como Modernidade, Globalização,Dialogo Intercultural, Heidegger, Fenomenologia., pos~Marxismo ,além das questões centrais da Ontologia, do Trabalho,da Praxis e da Historia. E, por fim ,a abrangência geográfica dos expositores vindo de vários Continentes.

Em especial , o brasileiro M.Lowy fez parte da coordenação do evento,e, um brasileiro ,Newton Dantas, abordou o tema da influencia de Kosik na Pedagogia Historico-Critica. Nesse último campo, é conhecida a importância da obra de Kosik no pensamento de Paulo Freire.

Para Arnason, “O conteúdo positivo do livro é inseparável de uma polémica desenvolvida em duas direções:

- contra o marxismo soviético e,
- contra o tipo de revisionismo que prevalecia na Polónia”.

Kosik queria por no centro da filosofia marxista a questão “que é o Homem?”, mas refutava, seja a antropologia residual de Adam Schaff, seja o ultra-antropologismo de Kolakowski.

A “ontologia do homem” devia estar conectada com a filosofia do trabalho e com os conceitos fundamentais do materialismo histórico” (ibid-p.191)

Sem dúvidas, a visão de Karel Kosik, articulando ‘ontologia do homem’ e ‘filosofia do trabalho’, porta muitas ‘afinidades’ com a ‘ontologia do ser social’ de G.Lukacs. Senão, vejamos o que diz A. Monville, em sua apresentação à edição francesa de “Prolégomènes à l’ontologie de l’être social”.(2009):

“Para Lukács, o ponto de partida ontológico é um ato: “o fato ontológico fundamental do ser social, o trabalho” (...).Só a cooperação correta entre a experiência prática cotidiana e a conquista científica da realidade pode produzir uma contribuição autêntica da verdadeira natureza do ser” .Neste sentido, a ontologia é bem produzida, produzida por uma práxis”(Lukacs-p.22)

Um dos mais destacados estudiosos da obra de Lukacs, Guido Oldrini, também assinala essa afinidade entre Kosik e Lukács. Se o texto visualizou o tema da ontologia em sua “Dialética do Concreto”, foi o húngaro que a sistematizou. Assim :

“ O único marxista ,pelo que se sabe, pouco antes de Lukács (sem conhecer sua formulação madura) ,se avizinhou ao problema, pondo a indispensável premissa da separação entre gnoseologia e ontologia (sem a qual nenhuma ontologia é possível, muito menos uma ontologia marxista) ,é Karel Kosik , teórico da ‘totalidade’, que escreveu:

“Na filosofia materialista a categoria da totalidade concreta é antes de tudo e em primeiro lugar a resposta a questão : **que coisa é a realidade ?** E sobretudo,em

segundo lugar, e como consequência da solução materialista a primeira questão, esa é e pode ser um principio epistemológico e uma exigência metodológica “

Mas, segue Oldrini, “ Porém, a sua feliz intuição parou aqui sem dar espaço a posteriores desenvolvimentos ontológicos concretos. Espera a ontologia marxista de Lukács a tarefa de abrir a estrada para esta nova perspectiva”.

(G.Oldrini, “G.Lukács e i Problemi del Marxismo del Novecento”.Napoli.2009/ pgs. 303-303).

É muito importante destacar que a obra principal de Kosik (“Dialektika Konkrétniho”, Praga, 1963), está inserida em uma onda de longa duração, no campo do debate filosófico marxista. No que concerne a autogestão, eixo do nosso ensaio , vamos partir do contexto histórico, que é marcado pelo início da experiência institucional da autogestão na Yugoslavia.

Este ponto de partida situa-se no inicio da década dos anos 50, e a experiência yugoslava surge, de certa forma, como uma contraposição ao sistema existente no Leste europeu e na URSS, dominado pelo espírito stalinista. A morte de Stalin, em 1953, seguida do XX Congresso do PCUS (1956), criou uma nova situação tanto para as lutas dos trabalhadores quanto para o campo da filosofia.

A experiência Yugoslava trouxe consequências profundas para marxistas dos países deste lado da Europa : Hungria, Thecoslovaquia , Polônia e Yugoslavia , sobretudo, porque nestes países os trabalhadores desenvolveram uma práxis ativa de massa – revoltas, rebeliões, revoluções -, desde 1953, movimento que teve um salto de qualidade em 1956. Estes movimentos trouxeram um novo espírito para os marxistas, como diria Lukács, um “Renascimento do Marxismo”.

A Yugoslavia ,“Foi o primeiro cisma do ‘campo soviético’. Abriu os caminhos para um real pensamento marxista critico e inovador,em que o dirigente Edourd Kardelj,teórico do regime ,foi sem duvidas um símbolo...Mas,sobretudo,nas margens abertas no interior da Liga Comunista Yugoslava e em sua periferia se expressaram diversas correntes de analises marxistas, notadamente a da Revista **Praxis** que organizou durante anos encontros com a nova esquerda internacional,na ilha de Korcula”.(“Autogestion hier,aujourd’hui,demain”-p.617).

No campo da filosofia , esse ‘renascimento do marxismo’ está presente nas obras do Grupo “Praxis”.Passemos as idéias de alguns filósofos do grupo PRAXIS.

Em 1983, comemorava-se o centenário de Karl Marx. No Seminário do Instituto Gramsci: “Karl Marx 1883- 1983”, realizado em Roma, em novembro de 1983, um dos principais membros do “Praxis”, M. Markovic expôs a posição dos marxistas iugoslavos, no ensaio intitulado “A crítica da alienação em Marx e suas consequências no plano da emancipação”.

Tentemos uma sistematização de suas idéias. O grupo “Práxis” parte do conceito de ‘alienação’ na obra de Marx. Seu núcleo é a idéia de que, devido a circunstâncias desfavoráveis: “os homens em realidade não são o que poderiam ser em suas possibilidades”.(“Marx 1883-1983”- p. 174)

Esta perda da identidade humana fundamental, este conflito entre existência real e ser potencial se manifesta em vários modos que Marx analisou nos “Manuscritos econômico-filosóficos”.

Markovic apresenta varias dimensões da alienação:

- uma das dimensões da alienação é a perda de todo controle sobre os produtos da atividade humana;
- outra, é o caráter patológico das relações sociais: inveja, competitividade, desconfiança, ódio e hostilidade. Em substituição ao que poderia ser colaboração, reciprocidade, comunicação significativa, e solicitude pela satisfação das necessidades dos outros;
- o desperdício de um potencial de atividade criativa;
- a perda de auto-identidade, uma cisão interior em partes que são estranhas uma em relação à outra;
- enfim, a alienação do homem em relação à natureza. (ibid-P.174)

Na análise de Marx, tudo o que caracteriza as relações de produção fazem parte destas dimensões da alienação:

A transformação dos bens produzidos em mercadoria governada pela força do mercado, a passagem da mais-valia do produtor ao capitalista, a

acumulação de capital e a concentração da propriedade nas mãos de poucos privados; são todas formas específicas da perda de controle sobre os produtos humanos (o mesmo ocorre para as instituições políticas como o Estado, os partidos políticos). (ibid- P.175)

No entanto, o que significa essa “identidade humana”, esse “ser universal”? Para Markovic, um “conceito universal abstrato” está relacionado a uma concepção estática e fixa da natureza humana, o que é aceitável em uma filosofia platônica e também hegeliana. Entretanto, é incompatível com o **método dialético** de Marx e a sua filosofia da história, que pressupõe que cada objeto seja um processo sem fim.

Para Marx, toda a história é uma autocriação do homem, e não se conclui com o comunismo. A sociedade sem classe e sem Estado é apenas o início da verdadeira história. Toda esta concepção aberta, dinâmica, da natureza humana, poderia ser conceitualizada, adotando a categoria hegeliana da “universalidade concreta”; mas o caráter “absoluto” desta universalidade é abolido: Marx não tem necessidade de uma ordem lógica plenamente desenvolvida que preceda a realidade.

A racionalidade acumula-se no curso da história. Assim como a descontinuidade (descoberta dos limites sempre novos, uma série infinita de transcendência, de saltos criativos), também a continuidade na história e na natureza humana. Nenhuma característica humana se revela trans-epocal, mesmo que se manifestem sob forma específica sempre nova.

Os símbolos permanecem criação humana que expressam a estrutura do pensamento e dos sentimentos e designam os esquemas objetivos que prescindem da consciência individual, mas são formas simbólicas sempre novas e mais ricas e complexas na linguagem, no mito, nos ritos, na arte e na ciência. (ibid-p. 179)

Deste modo, a “natureza humana” é concebida como um “universal concreto histórico” – não absoluto. Essa “universalidade concreta histórica” é uma totalidade que unifica conceitos como possibilidade e realização; geral, particular e individual; variação e desenvolvimento, abertura à transcendência.

O conceito de um ser humano potencial, que é o pressuposto da ideia de alienação em Marx, não é um conteúdo descritivo, mas normativo. Marx caracteriza o *essere specie* humano ao contrastá-lo com os animais, elencando uma série de

propriedades: ser livre, produzir universalmente “segundo os padrões de toda a espécie” e “livres das necessidades físicas”, “formando os objetos segundo as leis da beleza”, “representando-se as outras pessoas em quanto ser humano”, “agindo em associação com outros”, “confirmando o próprio poder essencial ao tratar os objetos”, etc.

O trio de Marx, “ser espécie – alienação – emancipação humana universal”, são conceitos críticos, de valores, normativos.

- o primeiro refere-se a uma específica possibilidade positiva de ser humano;
- o segundo, à negação e distorção de tal possibilidade;
- o terceiro a um processo de transcendência da negação e da prática ativa de tal possibilidade. Ibid- p. 181)

Para Markovic, “uma crítica da alienação em todas as suas dimensões pressupõe um conceito de emancipação muito radical, pluridimensional, profundamente radicado. A ideia de liberdade abrange, assim, a liberdade negativa (dos produtos humanos alienados, das relações externas de dominação, exploração e opressão), a liberdade positiva (para autonomia, a recuperação da auto-identidade e a realização do próprio potencial criativo). Também compreende a liberdade de ação (capacidade de entender o que se quer) e a liberdade de querer (opção autônoma entre várias alternativas).” (ibid-p. 184)

Na perspectiva de Marx, esta ideia de emancipação implica “uma perspectiva de longa duração. O estágio final deste processo, a produção para as necessidades humanas sem a mediação do mercado, está muito longe”. A emancipação política começa com a liberdade cívica e termina, no horizonte de nossa época, com a constituição de conselhos e assembleias autônomas que constituem o Estado em todas suas funções necessárias (de regulamentação, coordenação e mediação dos interesses particulares) que abolem a sua fundamental característica negativa (política como profissão e aparato coercitivo).”(ibid-p.184)

Autogestão e Filosofia da Praxis

Vejamos outra fonte em que o filósofo yugoslavo também aprofundou suas idéias. No livro “étatisme et autogestion” , um “Balanço crítico do socialismo yugoslavo” , publicado pela éditions anthropos (1973), organizado por Rudi SUPEK, M. Markovic apresentou um ensaio chamado “Socialismo e Autogestão”.

Inicia afirmando que “80 anos após a Comuna de Paris e a análise feita por Marx de suas lições, o movimento socialista revive a noção esquecida da autogestão que assim recupera sua alma, seus valores fundamentalmente humanos e seu significado histórico”. Markovic referia-se a iniciação da experiência autogestionária Yugoslava em 1950 (a Comuna de Paris é de 1870). (“étatisme et autogestion”-p.119)

Qual o significado da autogestão para o grupo “Práxis” ?

Segundo Markovic, a autogestão é a negação dialética do socialismo de Estado com sua tendência implícita à burocratização. Markovic, claro, faz referência aos sistemas políticos da URSS e Leste da Europa, além da China.

“A autogestão é uma noção que abraça o conjunto da vida social e que implica pressupostos técnicos, sociais, psicológicos e culturais. Ela pressupõe igualmente um aporte revolucionário da sociedade e do homem, toda uma estruturação nova das hipóteses filosóficas, totalmente opostas àquelas que a burocracia se serve para justificar sua existência”. (ibid- p. 130)

Markovic, então, se propõe a dar uma formulação explícita desta estrutura filosófica por uma análise da noção de autogestão. vejamos suas idéias, em longa citação:

“Há autogestão quando as funções de direção do processo social não são mais asseguradas por forças exteriores ao conjunto social considerado, mas pelos indivíduos responsáveis da produção, por eles mesmos que criam esta vida social em todas suas formas. A autogestão permite a superação da divisão permanente e rígida entre sujeitos e objetos da história, entre governantes e executantes, entre pensamento social, e seu instrumento físico, o conjunto dos indivíduos em questão.

A idéia de autogestão que utilizamos significa, no contexto do pensamento humanista de Marx, a gestão racionalizada e revolucionária. racionalizada no sentido que está baseada em uma crítica objetiva da realidade existente, no conhecimento de suas verdadeiras potencialidades de mudanças e na opção das possibilidades as mais eficazes para a realização dos objetivos perseguidos.

O objetivo fundamental que serve de critério principal as decisões nas funções de gestão, é a abolição de todas as formas de opressão humana e de miséria, e a libertação de cada indivíduo para que possa aceder à uma vida próspera numa verdadeira comunidade humana. esse objetivo é revolucionário, como o é a noção de autogestão ao qual fornece seu significado.

Essa concepção racional e revolucionária da autogestão implica uma reavaliação radical da noção de política. Não apenas a política deixa de ser o apanágio de alguns profissionais, mas ela deixa igualmente de ser uma atividade social isolada e parcial. A política torna-se filosofia. A política torna-se ciência. (ibid- pgs. 131-132)

Autogestão como ‘possibilidade’

Partindo da experiência yugoslava, um ‘país semi-rural’, Markovic afirma que “O essencial para teoria marxista, é a tese da possibilidade objetiva da autogestão e não a urgência de sua realização. O princípio mesmo da autogestão pressupõe que enquanto certas condições são satisfeitas, os indivíduos criam eles mesmos a história no quadro das possibilidades objetivas existentes. Nesta ordem de idéias, a noção de autogestão pressupõe uma interpretação aberta, ativista, da história em que a clivagem artificial entre lei e contingência, entre necessidade e liberdade, é superada”. (ibid- p.133)

Também, a noção de autogestão pressupõe uma concepção fundamentalmente diferente de homem. O homem é uma criatura contraditória e em seus comportamentos, as tendências opostas se manifestam: de criatividade e de destruição, de sociabilidade e de não-sociabilidade, de racionalidade e irracionalidade, etc. Todavia, prossegue Markovic, em condições históricas dadas caracterizadas por uma cultura avançada (material e espiritual) das massas, a sociabilidade, a criatividade e a razão parecem predominar no ser humano”. (ibid-p.134-135)

Filosofia , Praxis e “ O Capital”

Neste período de “renascimento do marxismo” , ocorreu o debate em relação à questão do conceito de alienação em Marx (por exemplo, o debate em torno da idéia de Louis Althusser contrapondo o ‘jovem’ ao ‘velho’ Marx). E, houve também um profundo debate em torno da “estrutura lógica de ‘O Capital’ de Marx. Se bem como menos conhecimento no campo das esquerdas em relação ao debate sobre ‘o jovem Marx’” (centrado na questão da alienação) , este segundo debate significou um aprofundamento no campo marxista em relação a questão da Práxis.

Sem dúvidas, as questões que permeiam estes dois debates tiveram certas interfaces. Por exemplo, o grupo “Práxis” faz referência a separação entre ciência e ideologia (base do ‘corte’ epistemológico) , em que conceitos como alienação, humanismo, estariam no segundo campo. Seus teóricos defenderam a unidade no conjunto da obra de Marx, desde “Os Manuscritos” , passando pelos “Grundrisse” até ‘O Capital’.

Roger Dangeville, em sua apresentação a edição francesa de “Um chapitre inédit du Capital” (10/18.1971), contextualiza:

“ No curso dos anos 30, a publicação das obras da juventude de Marx, “Os Manuscritos econômico-filosóficos”, fez sensação e deu nascimento a toda uma literatura, ao passo que a publicação dos “Fundamentos” –“Grundrisse” -, que representam os trabalhos preparatórios ao Capital da época da maturidade de Marx nos curso dos anos 1850 e foram o elo entre os Manuscritos e o Capital, praticamente não chamou a atenção”. Da teoria idealista da identidade sustentada em 1923”. (1971-p. 13-14)

Publicados em 1939-41 , em Moscou, o interesse pelos Grundrisse surgiu a partir da edição de 1953, em Berlim, e especialmente pelas edições francesas e italianas, em 1967-68 e 1968-69, respectivamente, e a nova edição de 1968-69 em Moscou. Também, em 1968, M. Rubel publicou trechos na edição da Pléiade.

Sobre os papéis de Lukacs e Korsch, em relação a publicação dos “Manuscritos” e aos debates que se seguiram, Laura Boella, em “Intelletuali e coscienza di classe. Il dibattito su Lukács 1923-24” (Feltrinelli, 1977), afirma que “Lukács e Korsch não participaram do debate sobre os ‘Manuscritos’ de Marx que ocorreu após sua publicação em 1932. Com a descoberta deste texto, a discussão sobre seus livros poderia, finalmente, tomar um endereço que iria preencher as suas carências, a categoria de trabalho e, assim, a fundação materialista da noção de práxis, destacando-se ao mesmo tempo da sua identificação com a atividade técnico-produtiva que era sustentada por Ruda e por Deborin. De outra parte, o debate sobre os “Manuscritos” permitiria recuperar uma concepção não ontológica do materialismo e assim, uma autentica superação da teoria idealista da identidade defendida em 1923.” (1977-p. 51)

A confirmação do núcleo hegeliano e dialético do marxismo encontrava dois pensadores igualmente distantes e estranhos em respeito à reatualização sobre o plano filosófico de suas intuições de 23. Ao passo que Lukacs estava iniciando um novo e complexo desenvolvimento influenciado profundamente pelos ‘Manuscritos’ e Korsch se aproximava à posições anarco-marxistas, no plano político, e empirista, no plano filosófico, o nazismo e o estalinismo obscureceram definitivamente toda possibilidade de fundação dialética da práxis histórica”. (ibid)

Na apresentação da edição espanhola (1972), a introdução pelo do grupo “Comunicacion”, situa as causas do debate:

“ o interesse por esta obra correu paralelo com a polemica suscitada no campo do pensamento marxista a partir, essencialmente, das posições althusserianas (com certa ressonância em nossos meios) e o debate sobre o humanismo, o jovem Marx e o Marx maduro, a teoria e a ideologia, o hegelianismo e a inversão – da lógica de Hegel por Marx-: Problemas que Comunicacion tem abordado em varias ocasiões: problemas atuais da dialética, Prática teorica/teoria pratica, prologoa da ‘Contribuição...etc,etc).

Em nossa opinião, este interesse ultrapassa os meros temas particulares que se debatem na polemica antes citada (parte de uma mais ampla sobre a cultura e a historia contemporâneas), excede a questão da alienação, por uma parte, ou dos preços, por outra. Todos estes temas se tocam extensamente e parece adequado tomar esta obra como fonte (quando Ernst Mandel procede assim contra Althusser o faz com uma contundência que, sem os Grundrisse..., não podia ter exibido), porém acreditamos que o sentido da obra vai além. Podemos achar-lo precisamente no caráter preparatório –destes cadernos: neles se abordam muitos dos temas que depois, por falta de tempo, não puderam ser abordados de modo definitivo. Essas questões não abordadas (porem insinuadas a maioria) em ‘O Capital’ se oferecem aqui em suas conexões e relações, conexões possivelmente não desenvolvidas mas indicadas, estabelecidas, constituindo um todo orgânico”. (1972-pgs. 7-8)

Para o grupo de Comunicacion, um ponto é central: “Há um assunto que parece fundamental e contribui a esclarecer um tema muito em moda, o da leitura de

Marx. Diante dos Grundrisse, qualquer pretensão de reduzir o autor a um puro economista parece por completo irrelevante e carente de sentido(...)

A presente obra é exemplar e instrutiva do método de Marx: longe de isolar as categorias, as relaciona com o conjunto e as articula na prática concreta, segundo um encadeamento que, no caso que nos ocupa, se inicia com a alienação para ‘ascender’ pela exploração (com suas seqüelas de fetichismo e mistificação), divisão do trabalho, conseqüências socioeconômicas, científicas e culturais, etc, permitindo assim se estabelecer uma muito clara diferença entre o proceder metodológico positivista ou neopositivista e o dialético”. (ibid-pgs. 9-10)

Esta visão é reforçada por Karel Kosik, na “Dialética do Concreto”:

“Nos anos 30, a publicação das obras da juventude de Marx, ‘Os Manuscritos econômico-filosóficos’ fez sensação e originou o nascimento de toda uma literatura, ao passo que a publicação dos “Grundrisse-Fundamentos”, que representam os trabalhos preparatórios ao “Capital” da época da maturidade de Marx no curso dos anos 1850 e formam a ligação entre os “Manuscritos” e “O Capital”, praticamente não chamou a atenção. Não estamos exagerando a importância dos “Fundamentos-Grundrisse”. Eles demonstram antes de tudo, que Marx nunca abandonou a problemática filosófica. Assim, os conceitos de ‘alienação’, de ‘reificação’, de ‘totalidade’ ou a relação entre sujeito e objeto que certos marxólogos mal abastecidos se alegram em apresentar como um tipo de pecado da juventude de Marx, fazem parte do arsenal conceitual constante da teoria marxista. O “Capital” seria incompreensível sem os “Fundamentos-Grundrisse”. (Kosik-p.171)

Portanto, nos anos 20, ao final da onda revolucionária que varreu a Europa, após a Revolução de 1917, o marxismo teve um período de renascimento através da obra de G. Lukács, “Historia e Consciência de Classe” (1923) e de Karl Korsch, “Marxismo e Filosofia” (1923).

Na verdade, estas duas obras retomavam e faziam parte do ‘renascimento’ do marxismo como filosofia da práxis, retomado por Lenine com seus ‘Cadernos sobre a Lógica de Hegel’, escritos antes da Revolução, mas somente publicados na União Soviética, também como os “Manuscritos” de Marx, em 1929 e 1930.

As obras de Lukács e Korsch abriram um debate profundo no campo do marxismo, que ficou conhecido como “O debate sobre Lukács”. Entretanto, este debate, mesmo tendo depois influenciado diversos pensadores e escolas, foi bloqueado com a ascensão do estalinismo a partir de 1927.

Lucio Colletti, em sua obra “Le marxisme et Hegel” (1969), também caracteriza o debate e suas causas:

“O acaso quis que o tema essencial de toda obra de Marx fosse expresso de modo significativo pela interpretação de Lukács. ‘Historia e Consciência de Classe’ – como justamente lembrou o próprio autor – é a obra em que “o problema da alienação(...) é

tratado como uma questão central da crítica revolucionária do capitalismo”.(Colletti-p.201)

E que ,”Após Marx e até 1923,o problema não foi jamais abordado.Uma zona nevrálgica inteira do pensamento de Marx – desenvolvido em centenas de páginas do Capital,das Teorias sobre a Mais valia,dos Grundrisse,etc- saiu do horizonte cognitivo dos intérpretes.Engels, Kautsky, Plekhanov, Lenine não lhe dedicaram uma linha.Não entenderam do que se tratava.Em suas reconstruções do pensamento de Marx,não havia lugar para esse tema”.(ibid-p.201)

Enfim, “O livro de Lukacs rompe pela primeira vez com esta tradição e descobre no corpo dos escritos marxianos esta terra inexplorada”.(idem)

Colletti se equivoca em relação a Lenine. Senão,vejamos o que diz o próprio Lukacs.

G.Lukács,em sua “Ontologia do Ser Social” (1976), caracterizou muito bem este processo:

“a teoria corrente no período da II internacional era uma mistura de materialismo mecanicista no campo da economia e,em relação a tudo que não fosse econômico,dependia mecanicamente de variantes do voluntarismo subjetivista (Kant,etc).Lenine restaurou na teoria a proporção justa, mas sob Stalin, o marxismo voltou a deformar-se em um mixto não-orgânico de necessidade mecânica e voluntarismo”.(Lukács.p.

G.Lukacs já tinha apontado estas questões em seu livro sobre “O Jovem Hegel”(escrito na segunda metade dos anos 30 e publicado na Alemanha em 1954):

“ Lênin não pode conhecer os manuscritos de Marx que acabamos de analisar e que contêm as conexões decisivas entre economia e dialética na crítica e apreciação de Hegel.Apesar disto,Lênin viu com clareza estas conexões.”.Segundo Lukacs, “para Lênin,Marx se relaciona diretamente com Hegel”.E que,”esta afirmação de Lênin sublinha um ponto de vista completamente descuidado no período da II internacional,embora Marx e Engels não tenham perdido ocasião de aludir a importância de Hegel e de afirmar ser imprescindível o estudo de seu pensamento para a compreensão da dialética materialista(...).O próprio Plekhanov,que,a diferença de Mehring e Lafargue,tinha estudado cuidadosamente a filosofia hegeliana,ignora plenamente estas conexões internas,a profunda conexão metodológica entre economia e dialética”.(Lukács-p.540)

Enfim, ” Após Marx, Lênin foi o primeiro a restabelecer estas conexões”.(idem)

Quais as conseqüências desta concepção dominante no marxismo ‘estruturalista’?

O ‘jovem Marx’ tratou de elementos éticos, filosóficos, ideológicos, antropológicos,etc;

O “ velho Marx” tratou de questões científicas,positivas,econômicas,etc.

O conceito de “Escritos jovens” de Marx foi concebido no contexto da Socialdemocracia alemã e fixado posteriormente pelo Stalinismo como parte da divisão da obra de Marx em dois campos: o jovem, ‘imaturado’ e o ‘velho’, ‘maduro’. Para o Stalinismo, este ‘corte’ foi efetuado em 1848. E, as obras anteriores a esta data deveriam ser tidas como ‘imaturas’, misturadas com elementos ‘ideológicos’ de Hegel e Feurbach, e, socialistas utópicos, como Fourier. Sobretudo, eram perigosas as obras de caráter filosófico.

Para Lukács, “segundo estes críticos, a economia do Marx ‘maduro’ aparece à ciência burguesa, mas também aos seguidores do marxismo por ela influenciados, como uma **ciência particular, em contraste com as tendências filosóficas de seu período juvenil**”. (Lukács, vol.1-p.268)

Esta data de 1848, marca a derrota das revoluções democráticas na Europa, o colapso da filosofia hegeliana e o início da marcha do neokantismo e do positivismo. Os problemas da filosofia foram, então, abandonados pelos marxistas da época.

Ainda na ótica de Lukács, “após a morte de Marx (1883), a maioria de seus seguidores já está influenciada pelo positivismo.” O marxismo ortodoxo se resume a “afirmações e conseqüências singulares extraídas de Marx, freqüentemente mal compreendidas e sempre coaguladas em slogans extremistas”. (Lukács I-p.277)

Retornemos a Markovic, que no ensaio apresentado no seminário italiano do centenário de Marx, afirma:

“ a vulgata marxista foi formulada no capítulo 4º da ‘Historia do partido bolchevique’, e quaisquer outras visões foram tomadas como heresias (Lukács, Korsch, Escola de Frankfurt, Práxis). Na visão oficial, o marxismo era uma forma de materialismo filosófico, uma concepção da história como luta de classe, uma crítica da exploração e da opressão capitalista, e uma teoria do socialismo como economia gerida e planejada pelo Estado. Não havia necessidade de humanismo, de uma crítica da alienação e de uma concepção da revolução como emancipação humana universal”. (ibid-p.165)

Deste modo, abandonou-se a ‘essência metodológica’ da obra de Marx. Inclusive, segundo Lukács, “teóricos que se revelaram marxistas em muitas questões singulares, como ROSA LUXEMBURGO ou FRANZ MEHRING, possuíam escassa sensibilidade para as tendências filosóficas essenciais presentes na obra de Marx”. (Lukács-p.278)

Enfim, o que diz o Lukács da “Ontologia”, em relação a obra de Lenine, é importante :

”Apenas com Lenine houve um verdadeiro renascimento de Marx. Em particular nos seus ‘Cadernos filosóficos’... em que a cuidadosa e cada vez mais profunda compreensão crítica da dialética hegeliana culmina em uma nítida recusa de todo o marxismo anterior”. (idem)

Aqui, Lukacs faz referencia ao que Lenine escreveu em seus Cadernos Filosóficos de 1914-15: “ Quem não estudou e compreendeu toda a Lógica de Hegel não pode compreender em sua totalidade O Capital de Marx, especialmente o primeiro capitulo. Logo ,depois de meio século, nenhum marxista compreendeu Marx ! ”.(idem)

Logo após a morte de Lenine (1924), Lukacs escreveu um ensaio intitulado “Lenine”. Em 1967, Lukacs escreve um ‘posfácio’ a esse ensaio sobre Lênin. Nele, o autor da Ontologia ,nos fornece exemplos da vida e do pensamento de Lênin. Por exemplo, dois destes exemplos, são esclarecedores da práxis de Lênin;

Para Lukacs , “Lenine tinha uma base teórica profunda e sólida”(Lukács-p.134).

Lukacs, então, fala do período que diz respeito ao que nos interessa agora: os “Cadernos Filosóficos”:

“Para poder agir , Lênin fez de sua vida um processo ininterrupto de aprendizagem. Em 1914, sem eguida à declaração de guerra e após ter escapado diversas vezes da policia, ele chega na Suíça; logo ele considera que seu primeiro dever é de bem utilizar estas ‘férias’ e estudar a “Lógica de Hegel”. Ou ainda, após os acontecimentos de Julho 1917, ele escuta de um operário ,em cuja casa ele estava clandestino, elogiar o pão que comia: “Agora eles não ousam mais nos dar pão ruim”. Lenin ficou surpreso e alegre por essa “apreciação de classe das jornadas de julho”. Ele pensa em suas próprias análises complexas destes acontecimentos e das tarefas que delas resultam.”Eu não tinha pensado no pão, nem vivido essa necessidade... Para análise político, após ter seguido um caminho extraordinariamente complexo, o pensamento alcança isto que é a base de tudo, o combate de classe pelo pão”.(ibid-p.143)

Conclue Lukacs: assim Lênin aprende em toda sua vida, em tudo e sempre, que este ensino lhe venha da “Lógica” de Hegel ou do julgamento de um operário sobre o pão”.

Talvez, por não ter conhecimento dos “Manuscritos econômico-filosoficos”, de Marx, não publicados enquanto Lênin viveu, o revolucionário russo não tenha abordado mais especificamente o tema da Alienação. Mas, seu estudo sobre a lógica de Hegel abriu caminho para os que vieram depois pudessem fazê-lo. Este foi o caso de Lukacs, quando nos anos 30, em Moscou, teve conhecimento destes escritos de Marx. O que deu um novo rumo a sua obra.

Façamos um parêntesis necessário. Neste período, as obras no marxismo que trouxeram grandes contribuições, como ocorreu com Lukacs e Korsch, além do próprio Lênin, foram aquelas que interagiram com a obra de Hegel e outras correntes do idealismo ativo. Neste período, pós revolução de 1917, dois grandes pensadores em condições difíceis, elaboraram reflexões que marcaram o desenvolvimento posterior do marxismo.

É possível que, devido as condições em que o fizeram, tenha sido a garantia não apenas de sobrevivência intelectual, apesar de ter sido a da morte física destes dois pensadores. Na Itália, Gramsci* elaborou seus “Cadernos do Cárcere” , e, na América

Latina, após uma odisséia pela Europa, sobretudo Itália, J.C. Mariategui* elaborou sua obra que significou uma ‘nacionalização’ do marxismo à realidade peruana e latino-americana. Mariategui com grave doença, amputação de uma perna, que lhe impedia de se deslocar, tendo transformado sua casa num ponto de encontro para debates e conversas com lideranças, militantes e pensadores. Quase, podemos dizer, uma prisão ou um hospital.

Gramsci, nas várias prisões fascistas por onde esteve. Talvez, por estarem nestas condições, sobretudo Gramsci, tenham podido desenvolver suas obras com um caráter revolucionário, escapando as malhas políticas e teóricas do estalinismo.

*Ver meus ensaios: “O Labirinto de Gramsci” e “Mariategui: uma sensibilidade autogestionária nos Andes”.

Os “Cadernos “ de Lênin: Dialética e Imperialismo

Em “Filosofia y Revolucion” (1977) e, bem antes, em “Marxismo e Libertá” (1958), Raya Dunayevskaya escreveu um ensaio intitulado “O choque do reconhecimento e a ambivalência filosófica de Lenin”(ensaio com versões distintas, publicado na Revista *Telos*, em 1971, e na Revista *Praxis*, em 1970). Tomamos como base a edição espanhola de 1977.

Para Ela, o revolucionário russo tomou “**um choque**” com dois fatos: o início da primeira guerra mundial e, a capitulação da Socialdemocracia, que, “privaram Lênin da sustentação filosófica sobre a qual se apoiava e que acreditava ser inexpugnável”. (Raya, 1977-p.104)

Deste modo, “Lênin se viu obrigado a buscar uma nova filosofia. Se Hegel não tivesse existido, Lênin teria que inventá-lo, já que a dialética hegeliana lhe proporcionou as bases para a reconstrução de sua perspectiva filosófica”. (ibid-p.105)

“Os fatos de 1914 não trouxeram dúvidas sobre sua política e organização bolcheviques; o que questionou foi o velho materialismo, carente do princípio da ‘transformação em seu oposto’, da ‘dialética propriamente dita’. É o que Lênin teria de destacar na dialética hegeliana. (ibid-p.105)

Enquanto outros revolucionários vacilavam em reorganizar seu pensamento, Lênin buscava ansiosamente uma nova perspectiva filosófica. Assim, tão logo chegou a Berna –Suíça-, em setembro de 1914, no meio da guerra, Lênin se dirigiu à biblioteca para estudar as obras de Hegel, especialmente sua **Ciência da Lógica**. O fato de que um revolucionário tão inflexível como Lênin passasse seus dias na biblioteca de Berna, enquanto todo o mundo – incluindo o movimento marxista – voava pelos ares, deve ter sido para muitos um espetáculo estranho e incompreensível. Sem

duvidas,durante um ano inteiro Lênin estudou a Logica de Hegel (na verdade, Lênin passou dois anos ,1914-1916,na biblioteca,completou seus estudos hegelianos em 1915 e logo passou a reunir dados para sua obra sobre **O imperialismo**). (idem)

E, tal qual sua palavra-de-ordem de “converter a guerra imperialista em guerra civil”, chegou a ser a linha divisória no campo do marxismo, também seu **Resumo da Lógica de Hegel** se converteu na sustentação filosófica de todos os trabalhos sérios que Lênin teria que escrever durante o resto de sua vida: desde **O Imperialismo** , **Estado e Revolução**, nas vésperas de outubro de 1917,passando pelas obras escritas durante a revolução,até seu **Testamento**”.(ibid-pgs 105,106)

Raya chama a atenção de que “Para compreender profundamente o influxo sobre Lênin desta leitura de Hegel, não devemos esquecer que não conhecia os hoje famosos ‘Manuscritos econômico-filosóficos’ de 1844. Enquanto lia a Ciência da Lógica,Lênin pensava ,por uma parte, em ‘O Capital’ de Marx,e por outra,em sua luta contra o ‘materialismo vulgar’.(ibid-p 106)

Lênin após seu livro , continuou a estudar Hegel.” Em 5 de janeiro de 1915,no meio da guerra,escreveu para Enciclopédia Granat (para qual havia escrito o ensaio “Karl Marx”) ,perguntando se ainda era possível fazer ‘certas correções na seção sobre a dialética(...)tenho estudado este problema da dialética durante o ultimo mês e meio, e poderia agregar algo a essa seção,se todavia houver tempo(...)”.Lenin havia começado seu **Resumo da Ciência da lógica de Hegel** em setembro de 1914.O ensaio está datado de julho-novembro de 1914.O **Resumo** não foi completado até o 17 de dezembro de 1914.Como mostra sua carta para Granat, não se sentia satisfeito com sua análise da dialética.Em suas “**Memórias**”, Krupskaya diz que Lênin continuava seu estudo sobre Hegel **depois de ter terminado seu ensaio sobre Marx.**”(ibid-p.109)

Outro fundamental ensaio de Lênin ,desta mesma época, é o “**Sobre a Dialética**”, “é a **ultima palavra que temos dos comentários estritamente filosóficos de Lênin sobre o período crucial 1914-1915**”.(ibid-p.114)

Raya localiza a luta de Lênin: “ **O único certo é que Lênin estava lutando não só contra os traidores mas também contra os internacionalistas mencheviques ,e Rosa Luxemburgo, e os “holandeses” (Pannekoek,Roland-Holst,Gorter),e os bolcheviques no exterior.E tinha que faze-lo sobre um tema acerca do qual os bolcheviques tinham previamente acordado ‘em principio’: a autodeterminação das nações.Além do mais, o problema havia começado com o tema econômico do imperialismo,e Lênin acabava de por sua assinatura na introdução ao trabalho de Bukarin sobre o tema.**”(ibid-p.114)

Raya assinala que “É verdadeiramente paradoxal que os mesmos filósofos que tratam de reduzir Lênin à ‘economia política’,convertendo-o em “o filosofo do concreto”,não se preocupam em absoluto de examinar a metodologia leninista destes conceitos: o imperialismo , a autodeterminação das nações”.(ibid-pgs. 114,115)

“È a estes temas que devemos voltar nossa atenção agora, para iluminar a nova apreciação dialética de “O Capital”, não só como economia política mas como lógica, e definindo a obra como “a história do capitalismo e a análise dos conceitos que o resumem”.(ibid-p.115)

Prossegue Dunayevskaya :”Na verdade, o primeiro é que as **Notas sobre o Imperialismo**, de Lenin (iniciadas diretamente depois do término de seus **Cadernos filosóficos**), revelam é que esta obra não se limita em absoluto ao estudo econômico da última fase do desenvolvimento capitalista, mas que inclui também o esboço de artigos sobre a guerra, sobre a questão nacional, e sobre “O marxismo e o Estado”, que se converteria mais tarde em “**O Estado e a Revolução**”.(idem)

Numa nota de pé-de-página, Raya esclarece: “As notas de Lênin sobre a ‘**Fenomenologia do Espírito**’ de Hegel não apareceram nunca, mas as **Notas sobre o Imperialismo** demonstram que ele a leu enquanto estava preparando o folheto sobre o imperialismo. As **Notas formam um enorme volume de 739 páginas, em comparação com o breve folheto que foi publicado**”.(idem)

Em síntese,” O que em Hegel tinha sido uma revolução na filosofia, se converteu em Marx em uma filosofia da revolução, em uma teoria da libertação totalmente nova: as revoluções proletárias de 1848 que culminaram na Comuna de Paris de 1871. O redescobrimiento por parte de Lênin da dialética, da auto-atividade, da contraposição sujeito x substância, no momento mesmo em que sucedia o fracasso da Segunda Internacional, revelou simultaneamente o surgimento da contra-revolução no interior dos movimentos marxistas, e as novas forças da revolução contidas nos movimentos nacionais”.(ibid-p.117,118)

Voltemos a visão do Grupo “Praxis”, para sintetizar algumas idéias sobre a questão do ‘fio condutor’ no conjunto da obra de Marx.

As idéias de Marx, expressas, por exemplo, nos ‘Manuscritos de Paris’, foram desenvolvidas nos “Grundrisse” e, não foram abandonadas em O Capital. O ‘jovem Marx’ não é um filósofo abstrato, nem o ‘velho Marx’ um austero cientista: do início ao fim, o pensamento de Marx é um ‘humanismo revolucionário’, e como tal, é base teórica da luta revolucionária pelo socialismo.

A relação entre estas três obras fundamentais de Marx, mostra a unidade de sua obra. Estas obras são de períodos distintos da vida de Marx, assim:

- a) Os ‘Manuscritos’ foram escritos nos anos 1849, na primeira década do trabalho teórico de Marx;
- b) Os “Grundrisse” foram escritos nos anos 1850, na segunda década de sua obra;
- c) “O Capital”, foi escrito nos anos 1860-70, portanto na terceira década de sua obra.

Como já vimos, é fundamental explicitar que:

- os “Manuscritos” só foram publicados em 1932,isto é,cerca de um século após terem sido escritos e, mais de meio século após a morte de Marx (1883).

- Os “Grundrisse” só foram editados, em dois volumes,em 1939 e 1941.

- “ O Capital”,por sua vez,teve seu primeiro volume publicado em 1867,assim,o único volume publicado com Marx ainda vivo.O segundo e o terceiro volumes,foram publicados em 1887 e 1894.

O estudo comparativo destas 3 obras,pelo Grupo Práxis (sobretudo Gajo Petrovic),mostram a unidade da obra de Marx.Pois, os Manuscritos trabalham com categorias de economia,como : salário,lucro,renda,dinheiro; e tem varias seções com temas filosóficos,como: trabalho alienado,dialética hegeliana.Nos Grundrisse e em “O Capital”,ao contrario,não há capítulos especificamente sobre tópicos filosóficos.O Capital abunda em informações históricas,dados estatísticos,etc.Entretanto,o grande uso de termos filosóficos nos Grundrisse e em O Capital indicam a continuidade da obra.

Apesar do fato de que as três obras serem distintas ,em vários aspectos,elas têm uma unidade básica e uma identidade essencial,ou seja:

1) as três representam a critica da economia política e da realidade do capitalismo e das classes sociais de um ponto de vista que não é apenas econômico,mas é filosófico;

2) as três significam a fundação teórica e o clamor para concretização de uma sociedade humana em que o Homem não será dominado pela alienação,mas que se realizará através de uma práxis livre e criativa;

3) a idéia fundamental dos ‘Manuscritos’ é que o Homem é um ser livre que se transforma ao transformar o mundo pela práxis,e que,no mundo capitalista, ele é alienado de sua própria ‘essencia’.Esta idéia assume o carater de luta contra a autoalienação e a coisificação,visando a construção do socialismo,da Comunidade de Homens livres.E,esta é a idéia básica dos “Grundrisse” e de “O Capital”.

Portanto,para os filósofos de Práxis,as idéias expressas nos “Manuscritos” foram desenvolvidas nos “Grundrisse” e não foram abandonadas em “O Capital”.Assim,a filosofia marxista não é uma ‘pura ontologia’,nem uma ‘pura gnoseologia’,antropologia ou ética,etc.Sua essência está em “jogos recíprocos”,na “Totalidade”,entre as questões gerais e mais abstratas da ontologia e da antropologia,e as questões da vida cotidiana.”

A dialética da totalidade concreta

No posfácio de 1967 ao seu ensaio “Lenine”(1923), Lukacs nos aponta mais um exemplo da práxis leniniana:

“ Para Lênin,as categorias filosóficas mais gerais não eram uma generalidade abstrata reservada ao pensamento contemplativo,mas sempre podiam servir de veiculo à pratica, à preparação teórica desta.No debate sobre o sindicalismo,Lênin combateu o ponto de

vista híbrido e eclético de Boukharin, se apoiando na categoria de Totalidade. Foi de um modo muito característico que ele aplicou esta categoria filosófica: “Para conhecer realmente um objeto, deve-se apreender e examinar todos os seus aspectos, as relações que ele tem com outros objetos, as ‘mediações’ que existem entre eles. Nós jamais chegaremos totalmente a esse ponto, todavia essa exigência de totalidade nos preservará dos erros e do sectarismo” -grifo nosso-. (Lukács-p.140)

Uma nova etapa histórica colocará essa ‘exigência da totalidade’.

Os agitados anos 60, trouxeram à tona, (devido as lutas da época, no Oeste e no Leste, na América Latina, Ásia e África), questões fundamentais e que faziam parte da temática destes debates bloqueados, mas que sempre renascem em conjunturas novas marcadas pela práxis dos trabalhadores. Foi, digamos, um “Espírito da Época”; é suficiente analisar o campo editorial das obras marxistas, por exemplo:

Uma das obras mais significativas deste debate é do tchecoslovaco Karel KOSIK, intitulado “A Dialética do Concreto” (Praga, 1967).

Outra obra fundamental, também veio da tchecoslováquia, de Jindrich ZELENÝ, “a ESTRUTURA Lógica de “o Capital” de Marx” (Praga, 1962).

Da mesma época é o livro de Lucio Colletti, “O Marxismo e Hegel” (1969, Bari);

A obra monumental de Roman Rosdolsky, “Gênese e Estrutura de O Capital de Marx”, é de 1968 (Frankfurt).

Na América Latina, A.S. Vasquez lançou sua obra “A Filosofia da Praxis” (1967, México). E, traduziu a obra de Kosik, nesse mesmo ano, publicada pela Grijalbo.

Nos EUA, Raya Dunayevskaya elaborou uma visão muito própria sobre a relação entre os “Grundrisse”, “O Capital” e as lutas dos trabalhadores pela autogestão.

A obra de Karel Kosik tem uma ‘fortuna extraordinária’: “Em 1963, aparece em Praga *Dialética do Concreto*, um dos textos filosóficos marxistas mais sólidos produzidos nos últimos anos na Europa Oriental.

Sem dúvida alguma, *Dialética do Concreto* está diretamente vinculada ao melhor da tradição filosófico-marxista centro-europeia. Kosik, igual a muitos outros autores marxistas, situa-se em uma concepção de marxismo como filosofia cujas origens se podem rastrear com clareza em *Historia e Consciencia de Classe*, de Georg Lukács.

É precisamente a partir da recuperação por Lukács do conceito de totalidade, em uma leitura de Marx claramente orientada por Hegel (o conceito de totalidade é um conceito chave do sistema hegeliano), de onde parte Kosik em seu intento de determinar o significado profundo da dialética marxista entendida como dialética da totalidade concreta”. (Bibliografia sobre marxismo y revolucion. 1978.p.211).

Também a obra “Que Lire. Bibliographie de la revolution”(1975), define Kosik como ,”escrito por um militante comunista theco da primavera de Praga, eis uma exposição aprofundada da *filosofia da práxis* que renova a reflexão sobre as relações do sujeito e do objeto,do Ser e da consciência, da teoria e da pratica.Esse livro se apresenta também como uma exposição do método dialético em que a categoria central é como Marx e Lukács tinham mostrado, a categoria da totalidade concreta.Analisando as condições sociais da existência humana submetida à alienação econômica e à reificação da vida cotidiana, K. Kosik desenvolve as linhas de um humanismo marxista centrado sobre a libertação do homem” (p.186).

Sobre o perfil de Karel Kosik, falecido em 2003, na contra-capla da edição francesa de sua ‘Dialética do Concreto’,podemos ler: “ Militante socialista e filósofo marxista de reputação internacional, Karel Kosik nasceu em 1926 e pertence à jovem geração dos teóricos cujos trabalhos contribuíram ao desenvolvimento e a renovação da filosofia da praxis.Quando de sua aparição,sua obra, *a dialética do concreto* teve um grande impacto considerável e foi traduzida em vários idiomas...Na pessoa de Karel Kosik, o militante é inseparável do teórico.Saído do meio operário, educado na tradição do movimento operário theco no qual participou desde sua juventude,ele é um dos raros sobreviventes do grupo de resistência theca o mais ativo do qual fez parte o escritor,o herói nacional Fucik.Preso pela Gestapo, Kosik foi deportado pro campo de concentração nazista; e concluiu seus estudos de filosofia após a libertação em Praga e em Leningrado.”

Kosik foi membro do Instituto de Filosofia da Academia das Ciências, professor na faculdade de Filosofia da Universidade Charles em Praga.Foi redator chefe da revista *Filosoficky Casopis*,membro após 1962,do Comitê central da União dos escritores e do Comitê de redação de ser órgão celebre, *Literaturnj Noviny*, e foi um dos promotores da luta que antecedeu janeiro de 1968, um dos artesãos das mudanças que se seguiram e um dos defensores mais aguerridos do movimento dos conselhos operários.

Após 68, foi diretor da revista da União dos escritores, **Plamen**, eleito ao Comitê central do PCT quando do XIV Congresso clandestino,em 23 agosto 1968, acusado de ‘desviciionista de esquerda’ foi demitido de todas suas funções no expurgo do outono de 1969).

Quando foi lançada na primavera de 1968, a revista *Politika* estava sob direção de Karel Kosik.Essa revista foi uma ardorosa defensora da autogestão na Primavera de Praga. A revista *Politika* foi suspensa em 11 novembro 1968, reaparecendo somente em 17 fevereiro 1969,e apenas por um mês.

Vamos, então, a “Dialética do Concreto” de Kosik. Como ponto de partida nos apoiamos no prefácio à edição francesa de 1988,escrito por Jean-Marie BROHM. Brohm aponta três dimensões da ‘totalidade concreta’:

1. A primeira instancia da totalidade concreta é de ordem epistemológica (préface,XXII);

2. A segunda instancia da totalidade concreta é de ordem ontológica .

(préface,XXIV)

3. A terceira instancia da totalidade concreta é de ordem política ou axiológica.

(préface,XXIX)

Portanto, de forma sistematizada , a concepção da ‘dialectica do concreto’,assumida por Kosik ,enquanto ‘praxis’, implica :

“A práxis, que une as dimensões epistemológica e ontológicas da totalidade concreta, é igualmente um ‘processo onto-criador’ no sentido que ela produz a realidade humana de acordo com opções, decisões, iniciativas históricas, e vontade coletiva, isto é, como diz Gramsci ‘ a vontade como consciencia operativa da necessidade histórica, como protagonista de um drama histórico real e efetivo ’”.(preface-p.XXX)

Assumimos esta concepção abrange da ‘dialética do concreto’,acrescendo com Brohm:

“É também em função de projeções no futuro, de valores,de preferências axiológicas,de juízos éticos, de lutas políticas, enfim em função de projetos, elaborações de uma realidade a ser construída por ser desejável e desejada, construções do futuro, realizações de um dever-ser-em-devenir”.(idem)

E,consequentemente:”Nesse sentido a práxis,apesar das negações positivistas, compreende necessariamente uma dimensão de utopia concreta,mesmo de escatologia materialista(...),isto é,uma dimensão de sonho, de imaginação e de fantasia”.(idem)

E ,em pé de pagina Brohm cita Ernst Bloch, “o principio da esperança” e “o espírito da utopia”.

Enfim:”É portanto a práxis que permite compreender a dimensão ontológica do tempo evocada porKarel Kosik,e também sua dimensão ética”(Kosik.1988.preface XXX).

Conclue Brohm:”Afinal, a razão dialética que Karel Kosik nos propõe de (re)descobrir é portanto uma epistemologia não dogmática, uma ontologia não metafísica e uma axiologia não positivista”(ibid,XXXII)

Essa definição abrange os aspectos principais que vamos trabalhar das ideias de E.Bloch,G.Lukács,A.Gramsci entre outros.

E,não por acaso,J-M Brohm insere a obra de Kosik num filão especial:”O titulo mesmo da obra de Karel Kosik é uma referencia explicita à essa tradição dialética e humanista do marxismo revolucionário que após Marx, Rosa Luxemburgo, Trotsky, Lukács, Korsch, Gramsci notadamente, considera que o momento essencial –tanto teórico quanto pratico- é a “dialética da totalidade concreta”,isto é,o “concreto pensado” (Marx)e o pensamento concreto mediatizado pela pratica” (ibid,XIII).

No prefácio a obra última de Kosik, uma antologia de seus ensaios (2003), recolhidos por M.Lowy e H.Tarcus, podemos conhecer o contexto em que o teórico elaborou sua obra:

”O surgimento de seu primeiro texto filosófico –um artigo sobre Hegel no quadro de um debate sobre a filosofia marxista – coincide com o ano emblemático de 1956...Nesse novo contexto político, o decênio que vai da segunda metade dos anos 50 ao meio dos anos 60 verá o progresso de uma nova leitura de Marx e do marxismo, que revaloriza sua relação com a filosofia de Hegel, seu caráter humanista e historicista, e que concentra sua atenção nas questões da dialética histórica, a alienação e o papel do sujeito.”(Kosik-p.10)

E, os autores, traçam um ‘mapa’ deste ‘renascimento marxista’:”São os anos de irradiação da obra de Gramsci bem além da Itália, da redescoberta do jovem Lukács – de início por Merleau-Ponty e em seguida por Lucien Goldmann – de Karl Korsch e de Rosa Luxemburg.São os anos do apogeu do marxismo de Sartre, com a publicação da ‘Crítica de la raison dialéctique’(1960), da influência crescente da Escola de Frankfurt (notadamente Herbert Marcuse) sobre a juventude estudantil alemã e norte-americana, e do progresso da ‘New Left’ na Inglaterra e nos USA. Uma esquerda crítica se afirma na França em torno de revistas como ‘Les temps Modernes’, ‘Arguments ou Socialisme ou Barbarie.’”(ibid-p.10)

E, também no Leste Europeu:”Paralelamente, se desenvolve o marxismo dissidente na Europa do Leste, onde um dos centros é a revista ‘Praxis’ de Zagreb (fundada em 1964), à qual são associadas figuras como o yugoslavo Gajo Petrovic, o teórico Karel Kosik, o polonês Adam Schaff ou o alemão Erns Bloch”(ibid).

No mesmo prefácio, nossos autores citam o parecer de Georges Haupt, o grande historiador francês e que fez a introdução à edição francesa de “A dialética do concreto”:”os críticos a classificam ao lado de ‘*Historia e Consciência de Classe*’ de Lukács como um dos grandes textos da filosofia marxista”. (ibid-p.11).

Agnés Heller (à época ainda marxista”) a comparou com as obras mais importantes de Sartre, Lukács ou Adorno”(ibid)

Com a obra de Kosik, “a dialética torna-se *uma crítica da civilização e da cultura*”.Sem dúvidas,aqui está o maior exemplo de seu caráter permanente.

O filósofo marxista Adolfo Sanchez Vasquez,em sua introdução à edição espanhola da define o pensador e sua obra: ”era um pensador marxista eminente em que se conjugam de um modo peculiar a profundidade de seu pensamento, a originalidade deste e a brilhantez de sua exposição”. E, que ,”estamos efetivamente frente à uma das obras mais ricas em pensamento, mais sugestivas e mais atraentes que conhecemos na literatura marxista”(ibid-pgs 10 e 11)

Enrique Dussel se dedicou a um estudo aprofundado da obra de Marx.Com uma trilogia sobre os escritos preparatórios de Marx em relação ao “Capital” *,Dussel de forma

sintética analisou algumas obras do chamado “marxismo ocidental”, entre elas as de Lukács e Kosik.

Sobre o filósofo húngaro, que ‘inaugura o marxismo ocidental’ com sua obra de 1923, e sempre relacionado com a obra de Kosik, Dussel comenta a idéia de “totalidade concreta”:

“ Muito antes da edição dos *Manuscritos do 44 de Marx* e ainda antes da publicação dos *Cadernos filosóficos de Lenin*, Lukacs mostra a importância de Hegel para redescoberta de Marx.(ibid-p.296)

Dussel cita Lukacs:”A concepção dialética da *totalidade* que aparentemente se afasta da realidade imediata e que constrói essa realidade de um modo que parecesse ‘não ser científica’, é , de fato, o único método que pode saber e reproduzir a realidade no pensamento. *A totalidade concreta é então a categoria fundamental da realidade*”(ibid-p.298)

E ,Dussel,se admira de que “O surpreendente é que Lukács tenha chegado a estas conclusões sem ter lido os Grundrisse.”.E que,Lukács em sua obra ultima,“A Ontologia do Ser Social” (1972),fala sempre da ‘categoria da totalidade’.(ibid).

Desse modo,para Dussel “A ‘totalidade concreta’ é então o horizonte definitivo da interpretação lukacsiana da ‘ontologia’ de Marx.Em pé de pagina ressalva que :”O pequeno tomo citado –‘A Ontologia”,na edição alemã de 1972 – tem por titulo de capitulo: “Os princípios fundamentais ontológicos de Marx”,e começa com essa expressão : “ Se intenta captar teoricamente de maneira sintética a ontologia de Marx”.(ibid).

Sobre Kosik,por sua vez, Enrique Dussel,em sua trilogia sobre Marx*,tece profundas considerações : “ A obra *Dialética do concreto (1963)*,de Karel Kosik,o filosofo theco de Praga, significa um aporte novo em muitos aspectos.Em primeiro lugar, como Lukács, vem da mesma Europa Oriental.Além de um domínio de Marx – o que se tinha no começo da década de 60, com uma certa recepção dos *Grundrisse* -, possui conhecimento da fenomenologia, especialmente de Heidegger. Por isso, sua obra é uma excelente expressão da “ontologia de Marx”; isso é, não se supera a “totalidade”.E mais, talvez se trate da melhor análise da “totalidade” concreta e abstrata, um autorizado comentário da “Introdução” metodológica dos *Grundrisse* – embora parcial”.(“El Ultimo Marx -1863-1882”.1990-ps.308-309).

Na obra de Kosik, “*a dialética torna-se uma critica da civilização e da cultura*”(ibid-p.12).Sem duvidas,a razão desta amplitude e profundidade da obra do filosofo theco deve-se a que:

“Kosik pôs no centro de sua reflexão os conceitos de *Praxis e de Trabalho*, o que lhe permitiu importantes esclarecimentos e relocalações de toda uma serie de categorias filosóficas”(Neri.1966.p.205).

Neri esclarece seu raciocínio:” Se bem que o homem se realiza no trabalho como ser prático, a práxis compreende, além do trabalho, o momento existencial,além da atividade objetiva através da qual o homem objetiva dos seus sentidos o material da natureza, também a subjetividade consciente que nasce do trabalho, na constituição da temporalidade e nos sentidos que lhes são conjuntos, ‘ como angústia, a náusea, o medo,a alegria, o riso,a esperança”(ibid).

Na obra de Kosik, há um capítulo intitulado “Filosofia (dialética) e Economia (ciência),em que

Karel Kosik propõe uma metodologia para reflexão sobre “a evolução intelectual de um pensador ou um artista”,afirmando que em relação a problemática de “O Capital”, “ O que importa,é saber se, na evolução intelectual de Marx,a relação entre filosofia e economia (ciencia) mundo, isto é, como Marx compreendeu e formulou esta relação no curso das diversas fases de sua evolução intelectual.Esse problema está após muitos anos no centro do debate dos marxistas e marxólogos sobre o ‘jovem Marx’.(Kosik-p.106-107)

Kosik , no que diz respeito a “estrutura do capital” , nos põe uma questão importante;

“ O Capital de Marx começa pelas frases ;” A riqueza das sociedades nas quais reina o modo de produção capitalista,se anuncia como uma ‘imensa acumulação de mercadorias’.A análise da mercadoria,forma elementar desta riqueza,será por consequência o ponto de partida de nossas pesquisas.

A parte final de toda a obra – o 52º capítulo inacabado do Livro III – é consagrado à análise das classes.

Existe uma ligação entre o início e a conclusão do Capital, entre a análise da mercadoria e a das classes ? “, nos indaga Kosik.(ibid-p. 121)

Essa questão vem de encontro ao subtítulo do nosso ensaio; “A ODISSEIA de O Capital (mercadoria) e a EPOPEIA de luta dos trabalhadores (classe)”.

Kosik, então, relaciona o Capital de Marx à Fenomenologia do Espírito de Hegel.Todos dois partem,na construção de suas obras de um mesmo motivo simbólico de pensamento,muito difundido na atmosfera cultural de seu tempo.esse motivo – metáfora da criação literária,filosófica e científica – é a ‘Odisséia’: o sujeito (indivíduo, consciência individual, espírito ou coletividade) deve efetuar uma peregrinação através o mundo para conhecer o mundo e a si-mesmo”.(ibid-p.126)

Deste modo,” O Capital aparece como a odisséia da práxis histórica concreta,que,de seu produto elementar do trabalho,percorre uma serie de metamorfoses reais nas quais a atividade prático-intelectual dos homens é objetivada e fixada na produção,e acabada sua viagem não com o conhecimento do que ela é em-si e para-si,mas com ação revolucionaria pratica,que se funda sobre este conhecimento”.(idem)

Ao contrario de H. Dussel, pensamos que essa metáfora kosikiana é importante para análise da práxis histórica marcada pelas lutas dos trabalhadores . Dussel comenta a forma com que Kosik analisa a ‘estrutura de O capital’:

“ A nosso juízo, é uma exposição débil,em que a metáfora da “Odisséia da práxis histórica” mais bem confunde que esclarece – e teria horrizado o próprio Marx”(ibid-p.311)

Ao contrario de Dussel, seguimos com a opinião de S.Vasquez: “ O Capital constitui para Kosik a odisséia da práxis histórica concreta, isso é, do movimento real do mundo capitalista produzido pelos próprios homens.Mas,essa práxis desemboca necessariamente na tomada de consciência dela e na ação pratico-revolucionaria fundada nessa tomada de consciência.”(ibid-p.15)

E, conclue que,”Daí, a unidade da obra, sublinhada por Kosik , entre seu começo (análise da mercadoria) e seu final inconcluso (capitulo sobre as classes)”.(idem).

E, as análises de Raya Dunaevskaya , relacionando a elaboração de “O Capital” com as lutas operarias, nos deixa mais convictos da idéia de Kosik.

Vejamos o raciocinio de Kosik: “Nas primeiras paginas de O Capital ,o autor sublinha o caráter materialista da filosofia,sobre a base da qual se desenvolve a investigação científica dos problemas economicos: a odisséia não começa com a consciência que ela é uma odisséia do espírito, mas ela parte da mercadoria porque ela é a odisséia de uma forma histórica concreta da práxis(...) ela é também e sobretudo objeto pratico e tangivel,criação e expressão de uma forma histórica determinada de trabalho social”.(ibid-p.127)

Portanto,conclui Kosik: “ O problema original da relação interna entre inicio e fim do Capital,entre mercadoria e classe,nos podemos agora formula-lo como segue: qual é a relação da mercadoria,enquanto forma histórica do trabalho social dos homens, com a atividade pratico-intelectual dos grupos sociais (classes) no seio da produção ? “. (idem)

Na parte intitulada “Ser social e categorias econômicas”, Kosik nos levará as idéias da ‘onto-praxis’ ,presentes na obra de Zeleny, (filosofo theco que tem uma obra fundamental intitulada “A estrutura lógica de “O Capital” de Marx”), e na Ontologia do ultimo Lukács.

Kosik inicia este capitulo caracterizando o papel da dialética tal qual aparece na “estrutura lógica”, de “O Capital”:

“Se as categorias econômicas são as ‘formas do ser’, as ‘determinações existenciais’ do sujeito social, o ser social se descobre quando elas são analisadas e sistematizadas dialeticamente.Com efeito, o ser social se reproduz intelectualmente na explicação dialética das categorias econômicas.É por isto que Marx não podia sistematizar as categorias econômicas em “O Capital”,conforme à sucessão da facticidade histórica ou

na ordem da lógica formal, a explicação dialética era a única forma possível de uma estruturação lógica do ser social”.(idem.p.129)

Assim, Kosik afirma a concepção ontológica da obra de Marx:” A análise das categorias econômicas não se efetua sem premissas: a principal é a concepção da realidade enquanto processo prático de produção e de reprodução do homem social”.(idem-p.130)

E, ”Demonstrando que os conceitos ou categorias econômicas são formas históricas da objetivação do homem e que como produtos da práxis histórica, eles apenas podem ser superados por uma atividade prática, fixando-se os limites da filosofia e o ponto em que começa a atividade revolucionária”.(idem)

Para Kosik, enfim, nas categorias de “O Capital” torna-se possível distinguir os seguintes elementos:

- 1- uma forma determinada de objetivação histórico-social do homem, porque a produção –como Marx observou- é por definição uma objetivação do indivíduo;
- 2- um grau determinado, histórico e concreto, da relação entre sujeito e objeto;
- 3- a dialética da história e do supra-histórico, isto é, a unidade das determinações ontológicas e existenciais.”(ibid-p.131)

Deste modo, “A economia não é somente produção de bens materiais, mas totalidade do processo de produção e de reprodução do homem enquanto ser histórico-social”.E, o ‘ser social’ não é uma ‘substância rígida ou dinâmica’, uma entidade transcendental que existe independentemente da práxis objetiva’.É o processo de produção e de reprodução da realidade social, da práxis histórica da humanidade e das formas de sua objetivação”.(idem)

A “Ontologia do ser social” de Lukacs (elaborada no final dos anos 60, até sua morte em 1971), revela a importância destas definições de Kosik quando em relação as lutas dos trabalhadores pelo socialismo, mais particularmente, pelo socialismo autogestionário.

Kosik avança para definição da relação entre “Economia e Trabalho”, perguntando-se sobre “O que é o trabalho?”. Kosik, então, situa a questão:

“A problemática definida pelo termo ‘Filosofia do trabalho’ aparece historicamente nos pontos culminantes do pensamento europeu moderno (G.Manetti, Pico della Mirandola, Carolus Bovillo), na filosofia hegeliana e em Marx.É um aspecto da questão: o que é o homem?”(ibid-pgs.136-137)

Sob o ângulo da filosofia, esta problemática do trabalho, acompanha toda pesquisa sobre o ser do homem, mas, “ à condição que a questão ‘o que é o homem?’ seja

concebida como PROBLEMA ONTOLOGICO –grifo nosso-.mais, a ‘ontologia do homem’ não é a antropologia”.(ibid-p.137)

“A problemática do trabalho ,como questão filosófica e filosofia do trabalho se funda sobre a ONTOLOGIA DO HOMEM” –grifo nosso-(idem)

Para Kosik, após Marx a problemática do trabalho não foi desenvolvida do ponto de vista filosófico e que, “a constatação radical que a filosofia materialista é também a ‘ultima’ ontologia do homem, isto é, que ela não foi ainda superada historicamente”.(idem). E, como vimos,esta constatação se aplica ao próprio campo do marxismo.

Para Kosik, ” O trabalho ,em sua essência e generalidade,não se limita a uma atividade produtiva ou ocupação humana...O trabalho é um processo que impregna todo o ser do homem, constitui sua especificidade”.(idem)

Neste ponto, Kosik antecipa as conclusões da “Ontologia” Lukacsiana. Quais categorias e conceitos que fazem parte da ‘totalidade’ trabalho, Kosik menciona vários “pares dialéticos”:

Causalidade e téléologia;

Animalidade e humanidade;

Necessidade e liberdade;

Particular e universal;

Real e ideal;

Interno e externo;

Sujeito e objeto;

Teoria e práxis;

Homem e natureza, etc. (idem-p.138)

Estes ‘pares dialéticos’ devem ser ‘sistematizados’ como um conjunto, uma totalidade, nenhum tem valor em si próprio, têm um caráter dialético comum.Neste sentido, Kosik critica o Lukacs de “O Jovem Hegel”(Berlim,1954), por colocar os pares causalidade-teleologia e animalidade-humanidade acima dos outros pares.

Todavia o filósofo theco reconhece que, ”o par dialético conceitual” teleologia – causalidade tem um lugar privilegiado na análise da problemática do trabalho”.(idem)

Para Kosik ,”O elemento constitutivo do trabalho é a objetividade,o resultado do trabalho é um produto que tem uma duração...**No processo de trabalho presente , o operário transforma os resultados do trabalho passado e realiza as intenções do futuro**”.(ibid-p.141)

Assim, “A tridimensionalidade do tempo humano, enquanto dimensão constitutiva do ser humano, está fundada no trabalho enquanto ação objetiva do homem...A forma específica do movimento do homem no mundo, é marcado pelo trabalho como modo específico de unidade do tempo (desenvolvimento cronológico) e do espaço (dimensão)”. “Sem objetivação não há desenvolvimento temporal”.(idem)

“Por seu trabalho, o homem transmite alguma coisa de durável, que existe independentemente de sua consciência individual. Que marca a continuidade da existência humana”. (idem)

A.S.Vasquez também analisa essa perspectiva ontológica de Kosik.

“Porém, o que nos propõe é uma ‘ontologia do homem’ (ou exame do ‘problema do homem na totalidade do mundo’), e não uma antropologia ou ‘filosofia do homem’ (ou complemento ético ou existencial do marxismo).(ibid-pgs. 16 e 17)

E, articula a ontologia com o trabalho: “A filosofia materialista é para Kosik a última, não superada historicamente, ontologia do homem, cujo objeto é a especificidade do homem.Esta a encontra, com Marx, no trabalho, na atividade objetiva em que se funda o próprio tempo como dimensão do ser.”(idem)

O trabalho é, então, práxis: “Enquanto essa atividade objetiva do homem cria sua realidade, o trabalho tem um sentido ontológico ou filosófico. Porém, o trabalho é uma forma de práxis, e a práxis é propriamente a esfera do ser humano”(idem).

Levada ao campo da práxis social, ao campo da luta de classes ,esta visão tem conseqüências profundas para as lutas dos trabalhadores.Ela nos permite desenvolver a aprendizagem extraída de um longo processo de lutas pela emancipação do trabalho;ela nos permite articular a ‘utopia concreta’ com as lutas do presente;ela nos permite operar o ‘princípio da esperança’, o ‘ ainda-não-realizado’,o que Paulo Freire chama de ‘o inédito viável’.

Neste sentido,ao analisar a ‘dialetica hegeliana’ de escravo e senhor, Kosik afirma: “**Todos dois criam seu presente e seu futuro a partir de alguma coisa que não-é-ainda**”.(idem-p.153)

Por fim, na parte “Trabalho e Economia”, Karel Kosik reflete sobre o caminho de sua “Dialética do Concreto”:**“ A análise do trabalho,em que buscamos uma explicação da economia e de suas características, nos conduziu à “ontologia do homem”**.(idem-p.142)

No capítulo “Práxis e Totalidade”,Kosik afirma que “A filosofia materialista funda a problemática da práxis como resposta filosófica à questão filosófica: O que é o homem, o que é a realidade social e humana , e como está realidade é criada ?”.(ibid-p.151)

Kosik conclue ; “A práxis é uma esfera do ser humano”.E, o que é importante: “Neste sentido, a filosofia moderna – que, em polemica com a tradição platônica e aristotélica pôs em evidencia que a criação humana é autentica realidade ontológica – desemboca no conceito de práxis. A existência não ‘se enriquece’ apenas da obra humana, mas a realidade ela mesma se manifesta ao homem, sem eu trabalho e em suas criações, como **processo onto-criador**: o individuo ,deste modo, abre um acesso à realidade. Na práxis do homem, produz-se um fato essencial que tem sua verdade em si-mesmo, possui uma significação ontológica e não é o simples símbolo de outra coisa”.(idem)

Enfim,”Por sua essência e sua universalidade, a práxis revela o segredo do homem como **ser onto-criador**, que produz a realidade (humana e social) e, como consequência, é capaz de compreender e de explicar a realidade (humana e extra-humana, isto é, total).”(idem)

Esta é uma das partes mais ricas da obra de Kosik. Tal qual W. Benjamin, e dialogando com o existencialismo e a fenomenologia, aborda o campo da subjetividade contido na práxis do ser humano.

“ A práxis abrange portanto –além do trabalho- um momento **existencial**: ela se manifesta na atividade objetiva do homem que transforma a natureza e imprime as significações humanas à maneira natural, como também na formação da subjetividade humana na qual os momentos essenciais como a angustia, a náusea, o medo, a alegria, o riso, a esperança, etc, não representam “experiências” passivas, mas fazem parte integrante da luta pelo reconhecimento, isto é do processo de realização da liberdade humana. Sem o momento existencial, o trabalho deixaria de fazer parte integrante da práxis”.(ibid-p.153)

A praxis é, assim,”objetivação do homem , dominação da natureza e realização da liberdade humana”.(ibid-p.154)

A Praxis tem outra dimensão: “O processo onto-criador da práxis humana serve de fundamento à possibilidade da ontologia, que é compreensão do ser”. A filosofia materialista, diz Kosik, “afirma que o homem, sobre a base da práxis e na práxis, como **processo onto-criador**, elabora também sua capacidade de olhar no passado, de sair de si-mesmo e de se abrir ao ser em geral(...). Enfim, o homem é uma criatura **antropocômica**”.(idem)

“Na práxis, ele acha a base de um centro ativo real, uma mediação histórica real entre o espírito e a matéria, entre a cultura e a natureza, entre o homem e o cosmos, entre a teoria e a ação, entre a existência e a essência, entre **epistemologia e ontologia**”.(ibid-pgs. 154,155)

A historia como possibilidade

Kosik concebe o individuo numa historia como ‘jogo’. Em ensaio intitulado “O individuo e a historia”(1968), afirma que “a historia enquanto jogo, está aberta a todos e a cada um. A historia é um jogo em que participam as massas e os indivíduos, as classes

e as nações, os grandes personagens e os indivíduos medíocres(...).Tudo é possível na história: o trágico, o cômico e o grotesco”(Kosik,1968-p.212)

Kosik define o que chama de “terceira condição previa da história como jogo” ,”é a relação entre o passado,o presente e o futuro”.(ibid.p.213).O ‘princípio do jogo’ concebe o futuro como “uma aposta e um risco,como uma certeza e uma ambigüidade,como uma possibilidade que aparece tanto nas tendências fundamentais,como nos detalhes da história”(ibid).

Essa concepção de Kosik da ‘temporalidade histórica’ porta profundadaes ‘afinidades’ com a filosofia da história de Walter Benjamin.

A partir da visão de Marx, Karel Kosik aprofunda sua idéia :”Em Marx,o jogo não está determinado antes de que a história tenha sido escrita, porque o curso e os resultados desta estão contidos no próprio jogo, isto é, resultam da atividade histórica dos homens”(ibid.p.214)b

Vimos como kosik fala de obras ,por exemplo, “O Capital” e a “Fenomenologia” de Hegel, entre outras, como ‘epopeias’.

“Para Marx a racionalidade da história não existe senão como racionalidade na história e se realiza na luta contra o irracional.A história é um drama real: seu resultado, a vitória da razão ou do irracional, da liberdade ou da escravidão, do progresso ou do obscurantismo, não se dá nunca antes ou fora da história,mas unicamente na história e no desenvolvimento desta”.(ibid)

“Desse modo, o elemento incerteza, incalculabilidade,abertura e inacabamento ... é um dos componentes integrados da história real”(ibid).

Por fim,”A concepção da história como jogo permite resolver toda uma serie de contradições, culpáveis da derrota dos principios antinômicos, e introduz na relação entre história e individuo a dinâmica e a dialética, fazendo explodir os limites do entendimento unidimensional e confirmando que a história é um processo pluridimensional”(ibid.p.217).

Nessa perspectiva da história como jogo,”se o individuo pode intervir na história ... é porque já é histórico,e isso por duas razões: adverte que, de fato, é já produto da história e, ao mesmo tempo, potencialmente, criador da história”.

Para Kosik,a historicidade é um elemento constitutivo da estrutura do ser humano,da sua práxis.Para kosik “A historicidade do homen não reside na faculdade de evocar o passado, mas no fato de integrar em sua vida individual traços comuns ao humano em geral.O homem , como práxis, já se acha penetrado pela presença dos outros (seus contemporâneos,precursores e sucessores) e recebe e transforma essa presença ou conquistando sua independência (e com isso sua própria imagem e sua personalidade)ou perdendo sua sua independência,ou não a alcançando”(ibid.p.221)

“A Crise Civilizatória” dos tempos Modernos

Iniciemos pela visão de ‘totalidade dialética, com a qual Kosik traça sua caracterização da crise dos tempos modernos, em um ensaio de 1993, “A Crise Atual”:

“A crise contemporânea consiste numa transformação acelerada que transforma a realidade em objeto calculável e controlável, o discurso em informática, a imaginação em comércio de imagens e em slogans estéreis. Nesta transformação, as cidades são mudadas em aglomerações de produção, de consumo e de transporte, a paisagem em terrenos e distritos, a alma em processo psíquico, que se pode influenciar e curar do exterior. A alma fica, então, deslocada, rebaixada, reduzida, privada de sua originalidade e de sua liberdade... (Kosik, 2003-pgs. 80 e 81).

A partir de uma análise da “Primavera de Praga”, (“A Primavera de Praga pertence aos acontecimentos do século XX, ela é inseparável de sua problemática”), usando sua concepção de ‘totalidade concreta’, e sempre se interrogando sobre o ‘que é o Homem’?, Kosik analisa a concepção de filosofia da história de Hegel, no que diz sentido a ideia do ‘fim da história’ no filósofo alemão.

Para Kosik, “Hegel não nega as mudanças e a evolução, apenas chama a atenção para o fato que o essencial já passou e que tudo o que sucederá não fará que desenvolver, ampliar, diluir o sistema estabelecido. Nada de novo acontece? “ , pergunta Kosik.

Kosik responde :”Ao contrário, o ‘fim da história’ se impõe pelo fato que acontece algo de novo, o novo nasce para, imediatamente ou um instante depois, cair em desuso, mas nessa corrente incessante de novidades, nada de novo nasce, o novo, como o mais novo, é marcado pela esterilidade e pela não-essencialidade como tudo que o precedeu”.

Assim, define Kosik, “A essência da história moderna e de seu ‘fim’ é o crescimento do não-essencial, o deslocamento do essencial pelo acessório, a substituição de um por outro: as pessoas são devoradas pela corrida ao acessório, a acumulação do secundário tanto que o essencial lhes escapa”(2003.pgs. 148,149)

Deste modo, “Que significa portanto o ‘fim da História’ ? A História está em seu fim ? De modo nenhum, o que chegou a seu fim é a história do paradigma moderno. Essa história está esgotada e perdeu sua criatividade”(ibid-p.150).

Analisando a experiência do ‘socialismo estatal’ do Leste da Europa, Kosik afirma que ao Estado todo-potente sucedeu após 1989 a figura principal do novo rico (sem dúvida, referencia a ‘nomenclatura’ do partido comunista), a hierarquia social mudou e seus valores.”A ditadura anônima da polícia e da burocracia foi substituída pela ditadura anônima do mercado – e de seu espírito”(ibid-p.152)

Em outra passagem Kosik fala das formas de propriedade e de expropriação dos tempos modernos.”as duas formas de propriedade que dominaram o século XX, a propriedade privada capitalista e a propriedade estatal burocrática. Nesse processo contínuo de redistribuição dos bens, sua apropriação e suas expropriações(...) se produziu um

processo mais profundo ,oculto, invisível – uma expropriação metafísica na qual as pessoas são, em massa, cotidianamente e sem diferença do que lhe é mais próprio e essencial, quando são expulsos de sua relação com o Ser, com a verdade ou com a lei e lançados em um processo em que reinam o acessório, o secundário, o falso,a meia-verdade”(ibid-p.152).

Para Kosik, ‘a crise contemporânea é uma crise do tempo’.A época contemporânea é materialista.Kosik , de certa forma, antecipa idéias do ‘ecosocialismo’, assinala um ‘declínio geral do espírito’.”è porque o abaixamento do espírito se acompanha sempre de um aviltamento da natureza ao nível de simples matéria, de coisa inerte e de material livre ao arbítrio e à ambição de um sujeito pretensioso (...). Essa relação com a natureza fundada sobre a superioridade e a exploração significa que o espírito,orgulhoso de sua própria imagem, está maduro, em sua cegueira narcisística e dominador, para tombar no abismo”(ibid-p.83)

E denunciando a mercantilização da vida,afirma que “Nesse mundo moderno, **tudo se compara e se mede a uma das vantagens, do útil e do prático; tudo é levado ao movimento do ciclo infernal da avaliação, tudo é submetido ao nivelamento da convertibilidade(...).**A transformação do espírito e da natureza em valores, superiores ou inferiores, já é a manifestação e o produto de uma perversão e de uma confusão(...)”.Para Kosik, converter tudo em coisa significa que o ser perde sua identidade original, pois “valor significa hoje convertibilidade rentável”.(idem)

Deste modo, ‘o homem fez a escolha pelo inessencial e vê os entido da vida na acumulação de produtos, o aumento da produção ilimitada de mercadorias, de prazeres, de informações(...).A produção tornou-se o meio dominante(...)-idem-p. 86)

Kosik ,numa linha de análise com ‘afinidades’ a de Milton Santos,conceito de ‘mundo técnico-informacional”, analisa o sistema composto pelo tripé a simbiose entre ciência, a técnica e a economia, pondo três questões para o pensamento:

“Escrevi que é nesta tríade que estão as possibilidades de emancipação e que é tarefa do pensamento se por a questão outra vez sobre o que é a economia (o que é a casa ? Que significa administrar ?), o que é a ciência (que significa para o homem saber coisas substanciais e saber distingui-las das coisas secundarias ?), o que é a técnica (o que é a arte de ser no mundo e não de viver em uma caverna desconhecida do mundo ou que o nega ?).(ibid-p.142-143)

Aqui,para finalizar lembramos as 3 questões que Kosik retoma de E.Kant, no final de sua “Dialética do Concreto”:

1. Que posso saber ?
2. Que devo fazer?
3. Que posso esperar?

“A estas três questões, Kant acresce uma quarta: Que é o homem? “(Kosik-p.167).

E , desse modo, voltamos ao início da “odisséia” da “ práxis da totalidade concreta.”

Sem duvidas, com estas idéias, Kosik atualiza e amplia sua idéia de “mundo pseudo-concreto”.

Em entrevista a Antonio Cassuti,em 1993,e que foi publicada com o sintomatico titulo de “a moral no tempo da globalização, o homem a medida de todas as coisas”, Kosik retoma sua idéia da ‘crise atual’.

Pensando na onda de revoltas e rebeliões iniciadas em 2011 na Africa , é fundamental a visão que Kosik traça da onda que ocorreu no Leste da Europa , a partir da crise polonesa em 1980 e que teve seu ápice no conjunto dos países em 1989.

Kosik retoma a idéia da ‘crise atual’: “o movimento socialista é e deve estar em crise, porque evoluiu no interior do paradigma dominante, historicamente esgotado, esteril, sem espírito, e lhe falta coragem e imaginação para a superar e a quebrar.A crise da época moderna consiste no fato que, em relação ao paradigma dominante realizado na Europa, no Japão,na America do Norte, uma alternativa emancipadora faz falta”(grifo nosso).(ibid-p.142)

O que faltou então em 1989 ? Kosik é taxativo: “ A principal fraqueza dos acontecimentos de novembro 1989 e de sua evolução ulterior deve-se ao fato que o descontentamento do povo não se materializou em um movimento popular desembocando em uma substancialidade, uma continuidade que sobrevivesse aos protestos passageiros e se prolongasse na duração, como fonte de imaginação política e de atividade cívica.A energia criadora do povo foi rapidamente dissipada e a substancialidade do movimento cívico cedeu o lugar ao particularismo dos partidos ou dos personagens ambiciosos”(ibid-p.121).

A Primavera de Praga recusava o ‘socialismo real’, o estalinismo,e também não se inclinava para o mundo do capitalismo. Para kosik,tanto o capitalismo vencedor quanto o ‘socialismo real’ derrotado saíram da mesma fonte do paradigma da época moderna.

Contudo, se pos em duvida a legitimidade do ‘socialismo real’, “ lhe faltou lançar um raio de luz (um simples clarão) de duvida sobre o paradigma da época moderna em sua totalidade, sob suas duas formas de poder”(ibid-p.153).

Enfim, “a iniciativa popular pôs em duvida por baixo os dogmas inveterados da política.”(ibid-p.153).Para Kosik, independentemente do resultado desta “experimentação”, ela é testemunha de uma “tentativa heroica” que não pode ser limitada à uma “terceira Via” falaciosa e pérfida entre socialismo e capitalismo.

Deste modo, “A primavera de Praga não foi uma terceira via condenada a desaparecer, ao fracasso, ao esquecimento, mas ela dura como um clarão e como o pressentimento da única via que pode salvar a humanidade da catástrofe global, como um esboço tímido da imaginação a partir da qual nascerá um dia um novo paradigma”(ibid-p.153)

Kosik conclue afirmando que “O fim da historia necessita um paradigma novo”(idem)

Analisando o paradigma do mundo contemporâneo, Kosik traça linha que lembra o dilema “socialismo ou barbárie ?”: “Duas manifestações flagrantes dessa medida invertida, devastadora e destruidora : a industria de armas e a exportação de artefícios mortíferas engendram enquanto medida compensatória a ajuda humana. A destruição global da natureza requer das instituições, das organizações, das sociedades de defesa do meio ambiente. A salvação do mundo supõe o Ascenso de outro paradigma porque o paradigma atual no poder se realiza e se reproduz como uma ameaça permanente sobre o mundo...(idem-p.154).

Kosik faz uma comparação importante entre o ‘o homem construtor-arquiteto’ e o ‘homem que se mostra em publico, que necessita de uma audiência’, do efêmero.” O trabalho do construtor marca a durabilidade e a missão de sua obra é de sobreviver ao instante presente, de sobreviver durante gerações. As palavras expresam a variedade da obra do construtor – casa, fortaleza, moradia, fazenda, moinho- indicam qualquer coisa de firme e solido que se defende contra o instantâneo e o provisório”.(idem-p.156)

Nesse ponto, gostaríamos de retomar as idéias de um militante da autogestão, o frances Daniel Mothé, que nos visitou e participou de uma oficina do Forum de ecosol de SP:

“ O sentimento que trouxe é o de construção de uma obra que resistirá à historia e que nos faz pensar em *construtores de catedrais*, que tinham a convicção de que estavam construindo algo que duraria séculos”(Mothé-in: Claudio Nascimento “pedagogia da autogestão”).

Conclue Kosik, “o construtor-arquiteto só tem um só e único aliado, a comuna e sua durabilidade”(Kosik-idem).

A “ Primavera de Praga “

A “Dialectica do concreto” foi elaborada no inicio dos anos 60, dentro do contexto que chamamos de ‘renascimento do marxismo’. Também vimos com Raya que o elemento fundamental foram as lutas surgidas nesse período como fonte de ‘atualização do marxismo revolucionario’.

Nesta perspectiva, a chamada “Primavera de Praga”, na verdade como veremos a seguir, uma ‘revolução dos conselhos operarios’, ocorrida nos anos 1968-69 na Thecoslovaquia de Karel Kosik, foi o principal momento revolucionário no Leste da Europa. Kosik teve participação fundamental nesse movimento. Seus últimos escritos abordam o que podemos chamar de ‘a herança da Primavera de Praga’.

Vamos dedicar um longo espaço a ‘narrativa’ dessa experiência de caráter autogestionário.

Contudo, antes vejamos a participação de Karel Kosik nesta luta.

Dois jornais se destacaram durante esse período, “Reporter” e “Politika” ,através dos quais se expressava a ‘ala de esquerda’ do PCT, cujos militantes foram perseguidos após abril de 1969.Politika surgiu na véspera da invasão e Reporter, já tinha 3 anos em 1968.

Vejamos mais de perto Politika , surgido na primavera de 1968 , sob a direção de Karel Kosik. Politika era editado na gráfica do jornal cotidiano do PCT, “Rude Pravo”, sob responsabilidade do Comite central eleito no XIV Congresso ,clandestino* ,que ocorreu na fabrica Skoda-Pilsen em Praga.

“Polityka” publicou os principais textos sobre a ‘autogestão operaria”.Pierre Broué organizou uma coletânea de textos da época, com o titulo de “Écrits a Prague sous la censure” –aout 1968-juin 1969, em que encontramos os ensaios publicados por “Polityka”.

No capitulo “Conselhos Operarios e Autogestão” ,com a data de 19 setembro 1968,Polityka publica o ensaio “Os conselhos de Trabalhadores”, ‘nossa esperança’,onde lemos: “Quando nós tínhamos, na primeira quinzena do mês de agosto, preparado os primeiros números deste jornal, nós pensamos sobretudo nos homens ativos e reflexivos de nossas empresas,a fim de estarmos sempre com eles, com o fim de lhes fornecer idéias e argumentos próprios a convencer os indiferentes, os que refletem pouco ou nada,e que estão prestes a se deixarem vencer.Por isso nós tínhamos preparado nos primeiros números os ensaios sobre a autogestão dos produtores, antiga idéia do marxismo e do comunismo, cuja realização deve conduzir à uma etapa superior da libertação humana”(Broué-p.151).

Para “Polityka”, “Os conselhos de trabalhadores criados ou em via de criação nas empresas, os conselhos não burocráticos e que recusam à se deixarem burocratizar são uma das principais garantias para jamais retornarmos à época anterior a janeiro 1968”.(idem)

D. Slejska em ensaio intitulado “A autogestão dos produtores e suas possibilidades” define que “O fundamento da autogestão não é nada mais que a descentralização do poder do Centro em direção às unidades sociais relativamente autônomas nas quais esse poder é minimizado pelo fato que as mesmas pessoas são ao mesmo tempo sujeito coletivo do poder e objeto coletivo desse poder(...).Nosso socialismo não encontrará seu dinamismo interno que ,ao passo e a medida, os elementos da autogestão se desenvolvam e se reafirmem...(idem-p 153)

Em outro ensaio, F.Samalik afirma que “...após janeiro formulamos a idéia da autogestão,idéia que devia conter antes de tudo isto que nenhuma forma de participação não há jamais defendido: uma verdadeira promoção social e política da classe operaria

e de todos os trabalhadores, sua libertação do jugo do aparelho social e administrativo. Ninguém pode contestar essa concepção da autogestão, a saber, que sua realização significará uma mudança radical no sistema de direção e no sistema político por inteiro, devido a boa razão que ela transfere para classe operária e aos operários as competências atuais monopolizadas por diversos aparelhos” (idem-p.161)

Antonio Cassuti em seu livro sobre a “Primavera de Praga” nos fala de Karel Kosik, e sintomaticamente no capítulo intitulado “Intelectuais e classe operária” (Cassuti-p.77)

Cassuti trabalha com a relação entre dialética e economia, entre filosofia e luta de classes. Ou seja, exatamente, a questão que Kosik se põe na ‘dialética do concreto’: há uma relação entre a mercadoria, do primeiro capítulo de “O Capital” de Marx, e seu último capítulo, sobre ‘as classes’?

Parte da hipótese de que “a responsabilidade autogestionária favorece a dissolução do mundo pseudo-concreto do qual fala Kosik” (Cossuti-p.104)

Kosik caracteriza a ‘crise theca’: “A nossa crise não é simplesmente uma crise política, é também uma crise da política”; faz parte de uma crise mais ampla e mais profunda, que afeta toda a realidade da época moderna” (Kosik, 2003-p.80).

Enfrentando essa crise da época moderna, Kosik abandona toda e qualquer discurso de ‘técnica democrática’, vai direto a questão central, o Homem. Em sua análise da ‘crise theca’, Kosik analisava o que chamava de “sistema de manipulação geral”. Para Ele, tanto o ‘socialismo burocrático estatal’ quanto o capitalismo têm por base o ‘sistema de manipulação do homem’.

Esse ‘sistema’ tem seus fundamentos na substituição de uma ‘praxis revolucionária’ por um prática manipuladora, em que os homens perdem a capacidade de modificar o mundo e a si mesmos. Esse ‘sistema’ se manifesta em um ‘cotidiano pseudo-concreto’.

O processo de destruição desse ‘cotidiano reificado’ tem duas fases. Na primeira, há um momento de tomada de uma consciência crítica. O segundo momento, por sua vez, a partir da consciência crítica, é liberada uma nova energia em todos os setores sociais, um entusiasmo crítico e nova práxis.

Porém, uma outra alternativa da crise é o reforço da ‘política corporativista’. Ou, “Antes de tudo o regime burocrático de polícia despolitizou a classe operária. A função política que essa tem de exercer como classe, a burocracia se apropriou (...). Enquanto a ideologia da função dirigente da classe operária (com efeito, da burocracia) vinha promovida a religião de estado, a atividade pública real dos operários se reduzia ao mínimo”. (idem-p.52)

Para Kosik, a burocracia ao separar os intelectuais dos operários estava realizando um ataque que, “foi primeiro um ataque contra a inteligência, o pensamento crítico, o discernimento, em breve, contra a inteligência da classe fundamental da sociedade, a classe operária” (idem-p.53)

Por fim, Kosik traça a alternativa, articulando política e economia: “A democracia socialista ou é integral, ou não é em verdade democracia. Na base dessa estão seja a autonomia dos produtores socialistas, seja a democracia política dos cidadãos socialistas. Quando um destes dois elementos não existe, a democracia socialista degenera”. (idem-p.53)

Ao dizer que “a pura existência não pode constituir o programa e o senso de um povo”, Kosik contrapõe o ‘homem crítico’ ao ‘homo bureaucraticus’ e ao ‘homo oeconomicus’. Kosik contrapõe, então, os ‘políticos pragmáticos’ aos ‘políticos pensadores da história revolucionária”, citando Masaryk, Rosa Luxemburgo, Lenin, Gramsci, que ‘se dedicam a ciência para poder atuar numa política imediata”. (idem-p.72)

Enfim, Kosik traça as causas reais do burocratismo do socialismo: “Nos confrontos de classes a burocracia dominante teve uma função deformante em duas direções:

1- por um lado, deu a sociedade moderna uma forma corporativa medieval, tentando enclausurar a classe operária na fábrica, os camponeses no campo, os intelectuais na biblioteca e reduzindo ao mínimo suas relações recíprocas;

2- por outro lado, tem tirado a cada um destes estratos sociais sua fisionomia específica, transformando-os todos, em nível político, em uma massa uniforme e insignificante”. (idem-p.78)

E, Kosik fecha sua visão: O ideal da burocracia é uma sociedade fechada que se baseia em um confinamento dos estratos aos próprios limites profissionais e sobre uma razão controlada de informação” (idem)

Por fim, afirma Cossuti, Kosik segue corretamente a visão gramsciana: “Desse isolamento tem sofrido profundamente e sobretudo a classe operária que cessou, enquanto classe, de exercer um papel político hegemônico.

Intelectuais e classe operária, qual bloco histórico fundamental para construção do socialismo: eis a proposta de Kosik” (idem-p.78)

E que, para Kosik, “o homem não nasce massa, torna-se massa em um sistema que se funda na manipulação; uma massa anônima sem fisionomia nem responsabilidade”. A alternativa socialista, para Kosik, implica em que:

“O significado histórico do socialismo consiste na libertação do homem e o socialismo tem uma validade histórica na medida em que representa uma alternativa revolucionária e libertadora: alternativa à miséria, à exploração, à opressão, à injustiça, à mentira e à mistificação, à não liberdade, à falta de dignidade e à humilhação” (idem-p.82-83).

“ A REVOLUÇÃO DOS “CONSELHOS OPERÁRIOS”

“in Prag ist pariser Kommune “

(Wolf Biermann *)

Nessa parte, retomamos o que já expomos em “O principio da Autgestão Comunal “ (Tomos 2 e 3). A "revolução dos conselhos operarios" na Tchecoslováquia apresenta características bem particulares, tanto pelo contexto das lutas autonomas-autogestionárias em que ocorreu (1968-69),quanto pelas particularidades da formacao historico-social do país .Neste aspecto,retomemos um pouco o fio da história.

Apos a primeira Guerra, a Thecoslovaquia integrava o Imperio austro-hungaro.Este fato marcou profundamente o movimento operario.Desde 1840,os sindicatos thecos lutavam pela autonomia de seu país.Em inicio de 1870,uma conferencia de varias pequenas organizações sindicais ocorreu em Praga,decidindo a fundacao de um movimento sindical unificado, abrigando todos os operarios thecos na Austria. Por sua vez,o movimento eslovaco só aparecerá mais tarde. A industrialização da Hungria se desenvolveu lentamente. Na Hungria, em 1847,havia 136.000 operarios e,em 1872,havia 435.000.Já na Thecoslovaquia,em 1869,havia 3.267.068 operarios.

De todas as nações do Imperio, a Bohemia, devido a sua riqueza de materias-primas,era a mais industrializada.Neste sentido,a Thecoslovaquia apresentava,em 1963,uma percentagem de 70% de operarios em relação a população global.Na mesma epoca,a percentagem para Polonia era de 37,5%;para Hungria de 33%;para Yugoslavia de 30% e,para Alemanha Oriental,de 35%.

Portanto,a dependencia politica e o desenvolvimento industrial são dois elementos importantes para analise do movimento operario thecolovaco.Com a "liberação" no pós-Guerra, estes elementos diferenciavam a Thecoslovaquia dos outros países do leste europeu e,indicavam duas conclusões favoraveis para a construção do socialismo,pós-1945.

Ademais, no país, diferentemente dos outros do leste europeu, o PC (PCT) tinha uma sustentação na classe trabalhadora, não tendo seu poder politico fundado,como nos outros países, na presença do Exercito da URSS. Assim, por exemplo, nas eleições de 1946, o PCT obteve cerca de 40% dos votos.

A época da "liberação", os sindicatos tchecos estavam agrupados, durante a resistência, no Conselho central dos sindicatos clandestinos (URO) e, decidiram fundar a central intitulada de "Movimento Sindical Revolucionário" (ROH), cujas bases assentavam nos conselhos operários formados espontaneamente na maioria das fábricas durante a insurreição de Praga, de 5 a 9 de maio 1945. Nesta ocasião, o URO lançou um apelo pela formação de conselhos operários com amplo poderes de gestão. A originalidade destes conselhos residia no fato de, sendo a estrutura de base sindical, serem eleitos por todos os trabalhadores, exceto a direção da empresa e, representar unitariamente o conjunto da classe operária. Esta concepção de sindicalismo foi combatida pelo PCT, que defendia uma política sindical apenas para os sindicalizados. O PCT conseguiu "neutralizar" o sindicalismo do URO, numa estratégia aplicada em duas etapas:

1. controlando o aparelho central dos sindicatos e, elegendo o presidente do MSR; todos os postos foram ocupados por funcionários do PCT;

2. subordinando os conselhos operários ao aparato sindical, lançando nas empresas uma estrutura sindical paralela: os "grupos sindicais".

Desta forma, foi fundado um sindicalismo centralizado, a moda do "sindicalismo tipo soviético". Na Frente Nacional, o PCT desenvolveu a sua política com base nas organizações de massa, tipo sindicatos.

No período entre 1945 e 1948, ocorreram mudanças importantes no país. A presença de uma classe operária numericamente forte e politicamente homogênea, além de um PC muito forte, aceleraram o ritmo das nacionalizações. Por exemplo, em março de 1947, no setor público existiam 3.000 unidades de produção, sendo 16,4% na indústria e 61,2% de operários industriais. Os principais setores econômicos eram: minas, siderurgia, metalurgia, química, vidro, açúcar, energia. Estas mudanças ocorreram no quadro de um sistema político de coalizão: a Frente Nacional, composta de 6 partidos, com um bloco socialista (PCT, social-democracia e partido socialista), formando a ala mais avançada.

Este período inicial do pós-Guerra foi uma fase de tregua e foram os anos mais dinâmicos do país. O período de reconstrução econômica se encerrou em 1948. O PCT formulou um plano quinquenal -1949 a 1953-, visando mudar a gestão da economia para

um sistema de planificacao inspirado no modelo da URSS. Como resultado, no inicio dos anos 60, verificou-se a queda de crescimento do PIB e da renda nacional, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro

Ano	PIB	RN
1961	7	6,8
1962	3	1,4
1963	-0,1	-2,2
1964	3,1	0,6

A crise econômica de 1963 teve um papel importante para o ano de 1968. A centralizacao das decisoes economicas, o monopolio do mercado externo, acarretaram mudancas na experiência theca. No campo socialista, a divisao do trabalho pos a Tchecoslovaquia como fornecedora de equipamentos produtivos para os outros países. Isto trouxe uma mudanca radical na estrutura de producao do pais. Ao mesmo tempo, ocorreu a formacao de um sistema hierarquico com base na autoridade do centro planificador e dos diretores de empresa; a concentracao das decisões e dos meios financeiros com o fim de orienta-los para industria pesada, o aumento do peso da industria em detrimento da agricultura, o inicio da campanha de coletivizacao da terra e com o objetivo de liberar forca de trabalho para industria, suprimindo a carencia de mao-de-obra. A tabela abaixo mostra a mudanca operada pelo plano quinquenal na estrutura de producao:

Renda nacional na Tchecoslováquia (Praga - 1969)

Ano	Indústria	Construção	Agricultura e Floresta	Comunicações	Comércio
1948	58,60%	7,00%	22,10%	3,70%	8,60%
1949	62,80%	8,40%	18,00%	3,50%	7,30%
1950	61,40%	8,70%	17,40%	3,30%	9,20%

1951	66,10%	9,30%	14,30%	3,20%	7,10%
1952	68,60%	9,60%	11,50%	3,30%	7,00%

Fonte: Nachtigal ,Narodni duchod Ceskoslovenska

As raízes da crise theca residem nesta transformacao do sistema de gestao da economia nacional e na mudanca radical no comercio exterior. Este quadro foi acompanhado por uma onda politica repressiva. De outro lado, a esclerose do PCT, a corrupcao dos diretores de empresa,correspondiam cada vez mais, manifestacoes de resistencia passiva dos trabalhadores.ocorreu um aumento constante dos custos sociais de reproducao, agravado pelo debil desenvolvimento tecnologico devido a rigidez do sistema e sua lentidao em introduzir inovacoes tecnologicas. Verifica-se um crescente deterioramento da produtividade do trabalho. Neste sentido, o movimento social conhecido como "A Primavera de Praga", desenvolveu-se em condicoes historicas particulares:

- crise do regime de Novotny;
- lentidao no crescimento economico,apos a crise de 1963;
- crescente descontentamento da populacao;
- relacao de conflitos entre thecos e elovacos.

Vladimir Fisera caracteriza da seguinte forma a Thecoslovaquia de 1968-69: um potencial economico muito desenvolvido;a democracia tem uma grande tradicao; alto nivel de educacao e qualificacao dos operarios.

. O Movimento dos Conselhos Operários

Combinar uma democracia representativa de tipo parlamentar com uma democracia direta exercida pelos Conselhos operarios,e gracias a autogestao dos cidadãos em todos os níveis (PELIKAN).

O movimento dos conselhos operarios se desenvolveu entre dezembro de 1968 e junho de 1969. Numa primeira etapa, antes de janeiro 1968, a ideia dos conselhos foi

defendida por economistas. Fiseram expor a situação econômica do país neste período.

O país se desenvolveu entre 1950 e 1964 segundo o modelo extensivo de tipo soviético. A taxa de crescimento foi de cerca de 6% em média, para afundar entre 1961 e 1964 (-1% em 1962 e 0% em 1964). Esta taxa relativamente elevada nos anos 50, se explica pela reorientação econômica: indústrias ligeiras e voltadas para exportação, substituídas, então, pela indústria pesada no quadro da política autárquica stalinista) e pela industrialização da parte oriental do país, a Eslováquia.

Nos anos 60, o sistema de planificação centralizada tinha se esgotado. Em um país de 14 milhões de habitantes, tinham se esgotado as reservas de mão-de-obra (menos de 1 milhão na agricultura, queda demográfica nas cidades), como também as possibilidades de aumento da produtividade do trabalho.

O crescimento acelerado do capital necessário aos investimentos nas novas empresas e nos novos canteiros, para manter o nível anterior de produção, privou o resto da indústria dos meios necessários para modernizar o aparelho produtivo existente e favorecer as indústrias de ponta. Este processo desenvolveu um desperdício de mão-de-obra não qualificada e manteve uma penúria relativa dos bens de consumo. O Estado evitou a explosão, consagrando uma parte do excedente em subvenções, alocadas nas empresas em dificuldades, fixando de forma centralizada e artificialmente os salários e os preços. Uma parte importante deste excedente serviu para o consumo da burocracia central.

Desde 1963, uma reforma econômica foi tentada, visando indicadores objetivos e qualificados na economia: desconcentração da economia, autonomia maior para os chefes de empresa, dinamização da economia pelo mercado de bens de consumo e a abertura ao mercado mundial. Contudo, rapidamente, a reforma foi bloqueada pelas resistências no interior da elite dirigente e pela impossibilidade de controle das diretrizes das estruturas descentralizadas.

Entre 1966 e 1968, a reforma começou a ser realmente aplicada e a taxa de crescimento subiu (6 a 8%). Entretanto, a economia sofria de doenças velhas e novas. Velhas: superconsumo dos investimentos e das matérias-primas, atraso e obsolescência tecnológicos. Novos: dependência das importações, déficit comercial devido aos preços elevados, explosão das reivindicações salariais por longo tempo reprimidas, estoque de

mercadorias, consumidores preferiam poupar, inflacao".

Desde 1966, apos o XII Congresso do PCT, uma "comissao para a gestao e organizacao" foi criada. Previa um sistema de cogestao nas fábricas,em torno de um Conselho composto de 1/3 de operarios eleitos,e 1/3 de tecnicos mais 1/3 representacao do Estado.Este projeto veio a publico em abril de 1968,alimentando a reflexao dos trabalhadores quando da fundacao dos primeiros conselhos de trabalhadores,em junho 1968.

De junho a abril de 1968,a democratizacao se desenvolveu lentamente.Nesse ultimo mes,foi adotado o "Programa de acao" do PCT,prevendo a autogestao da propriedade social. Durante este periodo(junho-ago\osto),ocorre o fim da censura,a condenacao dos stalinistas,uma avalanche de reivindicacoes setoriais,sobretudo, nos meios intelectuais.O aparato sindical se democratiza lentamente;muitos sindicalistas ligados ao governo Novotny,se demitem.Ota Sik torna-se primeiro ministro para a reforma economica e,apela a iniciativa dos operarios contra a burocracia.

A partir de 15 maio, varias comissoes se reuñem para preparar a "lei sobre a Empresa Socialista". Surgem greves contra a incompetencia dos diretores de empresa. Criam-se federacoes sindicais por categoria, novos sindicatos e unioes inter-sindicais; implode, entao, o sindicalismo oficial.

A partir de junho, os conselhos operarios foram fundados nas fábricas EKD-Praga e SKODA-Plzen, as maiores do país.apos agosto,os sindicatos realizam uma Conferencia dos orgaos de base e adotam uma posicao radical em materia de conselhos operarios; reintroduzem, tambem, o direito de greve. No PCT, as decisoes do congresso extraordinario de agosto 1968, sao renegadas,sobretudo a proposta de um modelo autogestionário de base(empresas) e na cupula (Camara por setor de atividade). Ocorre, entao, uma aproximacao entre a esquerda dos dubcekianos e as organizacoes de massa.

Este Congresso extra do PCT, pertence aos grandes momentos da história das revolucoes. Diante da invasao sovietica de 20-21 agosto 1968,ocorreu a convocacao imediata do XIV Congresso extraordinario do PCT; realizado na fabrica CKD de Vysocany, na periferia operaria de Praga.Estava regularmente convocado para 9 setembro 1968; tinha por objetivo, a elaboracao dos Estatutos,implicando eleicoes via boletins secretos. Fixou-se o avanco da democracia socialista atraves dos orgaos de

autogestao. Para Fisera, este Congresso figura como uma especie de "Constituinte" da revolucao dos de lei, sobre a "empresa socialista" foi publicado no final de janeiro 1969, 15 dias apos a reuniao nacional dos conselhos operarios,de carater preparatorio e representando 190 empresas, num total de 890.000 trabalhadores (mais de 1/6 dos operarios do país);a reuniao ocorreu em Plzen.

Em fevereiro, este projeto de lei foi emendado, voltando ao modelo de cogestao.Entretanto,no movimento sindical crescia outra perspectiva: a autogestao. No Congresso Sindical,marco 1969, já existiam cerca de 500 conselhos operarios.Em abril,o reformista Dubcek foi substituido por Husak ,no posto de secretario do PCT.O projeto de lei foi engavetado.A primeira medida do conselho nacional Theco,em abril,seria a suspensao do projeto de lei.

As reunioes de coordenacao dos conselhos operarios foram proibidas e a direcao sindical _ decapitada.Em julho,o ministro da industria iria interditar os conselhos operarios,acusando-os de "anarco-sindicalismo", e de "liquidar a planificacao central,o PCT,o Estado Socialista e os Sindicatos".

O movimento dos conselhos operários foi um fenômeno de massa: atingiu mais de 1.000.000 de trabalhadores,cerca de 80% dos ramos da economia.

Por tudo isso, finalizamos com Karel Kosik , “ A Primavera de Praga é ainda um acontecimento vivo .Lançar um olhar sobre ele significa examinar a miséria do presente” (2003-p.241)

Notas=

*Nos dias 4, 5 e 6 de junho de 2014 , foi realizado em Praga um Seminario em homenagem a Karel Kosik. Entre os organizadores do evento estava o brasileiro M.Lowy , que tem se empenhado em publicar varios ensaios inéditos de Kosik. O conteúdo do Seminario nos mostra a amplitude da interação com a filosofia contemporânea da obra “Dialética do Concreto”, de Kosik:

** verso lançado em Berlim, por Wolf Bierman , poeta comunista, expoente da oposiçao socialista alemã.

Bibliografia:

1- Karel Kosik:

Kosik, Karel."A crise do homem contemporâneo e o socialismo".revista civilização brasileira.caderno especial-3.Rio de Janeiro.agosto de 1968.

Kosik, Karel:"La dialectique Du concret".Les Éditions de la passion.Paris.1988

Kosik, Karel: "La dialectique Du concret".françois maspero.BS15.Paris.1970 e 1978.

Kosik,Karel."Dialética do Concreto".Paz e Terra.1970

Kosik, Karel."Dialéctica de lo Concreto".Grijalbo.México.1967

Kosik, Karel: " La Crise des temps modernes.Dialectique de la morale".Les éditions de la passion.Paris.2003.

Kosik, Karel: "El Individuo y la Historia".Em:problemas actuales de la dialéctica.Comunicacion9.Madrid.1971

Kosik, Karel. "A dialética da moral e a Moral da dialética".Paz e Terra.Rio de Janeiro.1969.(Atas do Convenio promovido pelo Instituto Gramsci)

Kosik, Karel."Man and Philosophy".in,"Socialist Humanism" edited by Erich Fromm.Anchor Books, 1966.

Kosik, Karel. "O Homem e a Filosofia".em Erich From ,Humanismo Socialista.edições 70.Lisboa.1976.

Kosik, Karel- "Gramsci e la filosofia della "práxis"".in,"Gramsci e la cultura contemporânea II".editori Riuniti-Istituto Gramsci. Roma.1975.

Lowy,Michael-Tarcus,H.-"Karel Kosik , Philosophe Critique"(1926-2003).préface a "La crise des temps modernes".éditions de la passion.Paris.2003.

Vettrano, Claudio Valerio- "Bisogno, Dilattica e Totalità".Confronto tra A.Heller e K.Kosik.Aracne editrice.Roma.2010.

Pedrag, Vanrick- "Storia del Marxismo".t. 2.Riuniti.1979

Neri, Guido Davide: "Karek Kosik: interpretazione della prassi".rivista "Il filo rosso",n. 10, 1965.Milano.

Brohm, Jean-Marie:"um marxisme Du sujet-objet".Préface a ,Karel Kosik: "La dialectique Du concret".Les éditons de la passion.1988.Paris.

Arnason, Johann P.-“ Prospettive e problemi Del marxismo critico nell’Est europeu”.p.190-192.in”Storia Del Marxismo 4. Il marxismo Oggi”.Einaudi editore.Torino.1982

Santos,F.Fernandez-“ “.In: “Historia y Filosofia”. Madrid.1966

“Que Lire, bibliographie de la revolution”.page 186.Edi- paris, 1975.

“Bibliografia sobre Marxismo y Revolucion”.p.211. Dedalo ediciones.Madrid.1978

Lukács, Gyorgy- “Ontologia Dell’Essere Sociale “ I.Editori Rinuiti.Roma.1976.

2 - Grupo ‘Praxis’=

Crocker, David A.-“Praxis y Socialismo Democratico.La teoria critica a la sociedad de Markovic y Stojanovic”.Fundo Cultura econômica.México.1994

-Markovic, Mihailo- “El Marx contemporâneo”.coleccion popular-FCE.México.1978

-Markovic, Mihailo-“ Dialektik der Praxis”. Belgrado.1968.

-Markovic, Mihailo- “Dialéctica de la praxis”.Amorrortu editores.Buenos Aires.1972

-Petrovic, Gajo- “Marx in the mid-twentieth century”.Anchor Books edition.New York.1967

-Petrovic, Gajo- “filosofia y revolucion”.editorial extemporaneos. México.1972

-Petrovic, Gajo- “man and Freedom”.In,”Socialist Humanism”.anchor books.n.york.1968

- Markovic,Mihailo- “La critica dell’alienazione in Marx e le sue conseguenze sul piano dell’emancipazione”.In, “Marx e Il Mondo Contemporaneo”.a cura de Anna Maria Nassisi. Editori Riuniti.Roma.1987.

-Markovic, Mihailo- “Socialisme et autogestion”.In, “étatisme et Autogestion, bilan critique du socialisme yougoslave”.sous la direction de Rudi Supek.éditions anthropos.paris.1973

-Markovic, Mihailo- “Philosophical Foundations of the Idea os Self-management”.In,”Self-Governing Socialism.A Reader.volume I.Iasp.New York.1975

-Markovic, Mihailo- “A integração da pessoa na Sociedade socialista”.In,”Moral e Sociedade”.Paz e Terra.Rio janeiro.1969

-Markovic, Mihailo- “Humanism and dialectic”.In, “Socialist Humanism”,edited by Erich Fromm.anchor books.New York.1968

3 -“A Primavera de Praga”=

Foa, Lisa; Boffito, Carlo(org.)- “La crisi del Modello in Cecoslovacchia”.
Einaudi.Torino.1970

CASSUTI, Antonio- “La Primavera Di Praga”. Nuove Edizioni Operaie.Roma.1978

“Thecoslovaquia , analise dos aspectos políticos,econômicos e culturais da crise de agosto”.Revista civilização brasileira.caderno especial 3- 1968.

BROUÉ, Pierre. **Le Printemps des Peuples Commence a Prague**. La Verité, Paris, n.542 – suplement, s/d.

CHECOSLOVAQUIA: Autogestion y Stalinismo en la Primavera de Praga. **Revista Autogestion y Socialismo**, Madrid, n. 2, 1978. [Castellote Editor]

CONSEILS ouvrières en Thecoslovaquie. **Autogestion et Socialisme**, Paris, n.11-12, 1970.

FISERA, Vladimir Claude. **J.Pierre Faye**. La Revolution des Conseils Ouvriers. Paris, 1977.

Daix, Pierre- “Prague au coeur”.Julliard. Paris. 1968

“Budapest, Prague, varsovie.Le printemps de Prague quinze ans après”.La Découverte-maspero.Paris. 1983

GOLDFEDER, Sônia. **A primavera de Praga**. São Paulo: Brasiliense, 1981. [Coleção Tudo é História, n. 26]

Los Acontecimientos en Checoslovaquia – Hechos, documentos, informaciones de prensa y testimonios. Moscou: Grupo de Prensa de Los Periodistas Sovieticos, 1968.

MARTINET, Gilles. **Les Cinq Communismes**. Seuil.1971.

RICHTA, Radovan. **La Via Cecoslovacca**. Milano: 1968.

RICHTA, Radovan- “Economia Socialista e Revolução Tecnologica”.Paz e Terra.Rio de Janeiro.1972

SALOMÓN, Michel. **Prague, la révolution étranglée** - janvier-aout 1968. Paris: R.Lafont,1968.

CLAUDIN, Fernando- “La oposicion em el ‘socialismo real’.Siglo veintiuno editores.Madrid.1981.

TIGRID, Pavel-“Le Printemps de Prague”.Seuil.Paris.1968

ANEXO:

Programa do Seminário de Praga em homenagem a Karel Kosik, realizado em Julho de

2014.

Fonte= Site “Marxismo Critico”.Junho 2014.